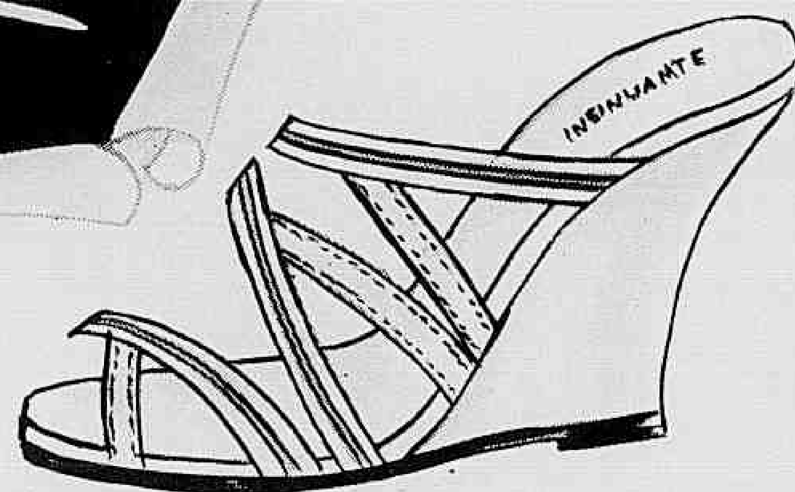
A CENA MUDA

N.º 9 ★ 3-3-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

I NÚMERO ESPECIAL DO FESTIVAL EM SÃO PAULO





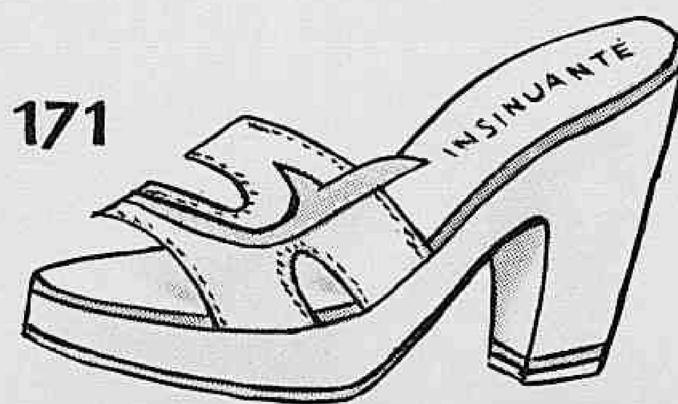


169 Cr$ 200,00 e 250,00 — Respectivamente em uma só côr, (verniz prêto, pelica branca ou vermelha) em pelica branca com guarnições de pelica ouro. Lnidíssimo!... Uma maravilha!...

170 Cr$ 200,00 — Uma verdadeira obra de arte! Camurça branca, pelica côr de sangue ou envernizada. Um verdadeiro encanto!...

171 Cr$ 200,00 — Um tamanco delicado e maravilhoso! Em verniz com guarnições branca e vice-versa. Elegantíssimo!...





insinuante

É A MAIOR E MELHOR SAPATARIA DA AMÉRICA LATINA E É TAMBEM UMA GALERIA A SUA DISPOSIÇÃO.

AT. SEMOO/.

CARIOCA, 46-48
SETE SETEMBRO, 199-201

Remetemos para todo o Brasil porte por par Cinco cruzeiros. Não fazemos reembolso postal.

A
CENA
MUDA

EDIÇÃO EXCLUSIVAMENTE DEDICADA AO «1º FESTIVAL CINEMATOGRÁFICO DO BRASIL», EM S. PAULO

Fundada em 1921

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Diretor
Gratuliano Brito

Secretário
Oswaldo de Oliveira

Publicidade
Severino Lopes Guimarães

Desenhista
Gil Ribeiro

CENA nº 9, de 3/3/1954

★

CINEMA

REPORTAGENS EXCLUSIVAS

Hollywood no Festival «Quatrocentão . . .» 6
Os brasileiros no Festival 10
O indispensável para um ator é a paixão e a inspiração .. 16
Acuso 20
Defendo 21
Festival infantil 26
O Festival evoca o cinema brasileiro 32
O Festival focaliza o cinema antigo 33

SESSÕES PERMANENTES

«80» pré-estréias no Festival .. 3
A novela das imagens: Maria Madalena 24
Cartazes em revista 30

PAGINAS ESPECIAIS

«Estrêlas» do Festival 14

A NOSSA CAPA
JANE PÓWELL

★

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15
Lapa — Rio de Janeiro — Brasil

TELEFONES

Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Endereço Telegráfico: «REVISTA»

EM SAO PAULO

Distribuição e Venda:
A. Zambardino
Rua Capitão Salomão, 69
Telefone: 34-1569

PREÇOS

Número avulso em todo o território nacional 4,00
Número atrasado 4,50
Assinatura anual (52 números) 200,00
Assinatura semestral (26 números) 100,00
Assinatura anual sob registro 230,00
Assinatura semestral sob registro 120,00
Assinatura para o estrangeiro, anual 350,00
Assinatura para o estrangeiro semestral 180,00

80 PRÉ-ESTRÉIAS NO FESTIVAL - I

FRANÇA: NAS "JORNADAS"

4 ½ — "O SALÁRIO DO MÊDO"

Trabalho crítico de JONALD, C. MAXIMIANO e SANIN

Filme de importância cinematográfica mas que merece restrição, no tocante ao conteúdo. Fugindo de qualquer mensagem deixa, ao contrário, uma sugestão de crueldade com referência ao tema. Já era tempo de os grandes cineastas seguirem o exemplo de vários dos seus colegas — André Cayatte é o «líder» de um movimento na França — no sentido de reunir arte e fôrça construtiva. Espiritualmente, a humanidade continua muito pobre e bem que necessita de um amplexo em tôrno do elevado e do belo. Esta película, premiada em Cannes, possui extraordinárias qualidades mas está prêsa a um dantesco pessimismo. Excede o realismo para se tornar uma obra naturalista. Quase não acreditamos que o que vemos é cinema. Não parece algo concebido, escrito no papel, para, depois, tomar vida por meio de imagens projetadas. Sugere um pedaço da própria vida, surpreendida em tôda a sua fôrça, e exposta sem subterfúgios e meias palavras. Crus e reais os acontecimentos. Fascinante os personagens, de uma cidadezinha da América Central que o cineasta mostra através de imagens sem artificialismos. Entretanto, tudo isto contrasta com a rudeza que paira nos acontecimentos e no epílogo. A platéia participa, irresistivelmente, sustendo a respiração à proximidade da tragédia ou suspirando de alívio quando a odisséia parece chegar ao fim e «Mario» regressa. Não temos todavia a emoção pela simples emoção. Êsse suspenso é um veículo para a crueza, pessimismo e «naturalismo». O início da viagem, as ações paralelas, com os dois caminhões, as manobras dos dois veículos na ponte (dois momentos extraordinários), a dinamitação da enorme pedra, a passagem do caminhão no lago de óleo são oportunidades para momentos dos mais angustiosos. A chegada ao poço de petróleo é apresentada em notável linguagem cinematográfica. Não há concessões à composição estática, nem ângulos fora do funcional. O ritmo é sufocante, lento, mas poderoso. Um sem número de imagens brilhantes apresenta Clouzot. As baratas, no início; o enforcado; «Jo», coberto de óleo; o corpo de Mario; a buzina soando; o «contraponto» do caminhão que dança, com a dança no bar onde Linda espera por Mario, que deveria regressar.

Henry Georges Clouzot mostrou-se grande na direção. Diálogos sinceros, falados simultâneamente em espanhol, francês, italiano, inglês, e excelentes interpretações, com apenas «Linda» destoando. Charles Vanel está magistral, seguido de Yves Montand, Folco Lulli (o italiano efusivo), Peter Von Eyck, Luis de Lima (atualmente em S. Paulo, em boa «ponta»). Impecável a fotografia de Thirard. Enfim, alto valor, com exceção do conteúdo.



Charles Vanel e Yves Montand em um trecho dramático do filme «O salário do mêdo».

80 Pré-



Estados Unidos: «Lágrimas e Música».



Itália: «Musoduro».

FRANÇA NAS JORNADAS

4½ – "LES BELLES DE NUIT"

Já criticada em "A CENA" de 13-1. Disse: "A alegre e irônica linguagem do cineasta consegue a indispensável atmosfera de algo diferente". "O choque do real e do abstrato, em linguagem de reticências, foi magistralmente obtido, por um dos mestres do cinema. É admirável a interpretação de Gérard Philippe".

FRANÇA NAS JORNADAS

3 – "L'ESTRANGE DESIR DE MONSIEUR BARD"

Pelo filme, responde Geza Van Radvanjy, de nacionalidade húngara, que já nos deu duas grandes obras: "Em qualquer parte da Europa" e "Mulheres sem nome", filmes dramáticos e pungentes. Aqui o vemos em um gênero totalmente diverso. Trata-se de uma comédia, mas não isenta de dramaticidade e conteúdo humano. "Monsieur Bard" é chofer do ônibus que leva turistas ao Cassino de Monte Castelo. Sente-se mal, um dia, e de sua consulta ao médico vem a saber que é cardíaco, podendo morrer a qualquer instante. Retira-se do emprêgo, recebendo grande indenização. Porém, não dá importância ao dinheiro, espalhando-o pelo Cassino, entre os empregados e jogando na roleta. Como o fito era perder, ganha, sem querer, em tôdas as mesas. Dois dos membros de sua família querem impedir, por interêsse, as loucuras de Bard. Entretanto, êle termina por ficar mesmo com a fortuna, a fim de empregá-la na educação de um filho, que era seu maior desejo na vida. A trama se desenvolve entre as preocupações de Bard para com o futuro do filho, e os esforços da família para declará-lo louco e incapaz de ter sua fortuna.

Há trechos ótimos na película, soluções cinematográficas interessantes e boa linguagem descritiva e extraordinária criação de Michel Simon. O diretor húngaro obteve bom resultado no novo gênero. Foi mais um bom espetáculo das Jornadas Francesas. Ao lado de Michel, brilham: Yves Deniaud, Geneviève Page, Henri Crémieux, Georgette Anys e outros.

FRANÇA NAS JORNADAS

4 – "LE BON DIEU SANS CONFESSION"

Até onde vai a credulidade de um homem que se apaixona por uma mulher?

Ao infinito seguramente. Por ela, o apaixonado torna-se capaz de tôdas as atitudes, desde as mais heróicas às mais ridículas. O senhor Dupont morre após uma série de contrariedades, vítima de ataque cardíaco. Providencia-se seu entêrro, iniciando-se então a narrativa, em "flash-back", dos principais acontecimentos dós seus últimos anos de vida. E o senhor Dupont, se bem que seu drama nada tivesse de extraordinário, pois é o de tantos outros, nas mesmas condições sociais sofreu na sua vida. O amor de uma mulher, em quem acreditava piamente, até à desilusão e o cansaço da rotina do lar. A espôsa não era uma companheira. O filho, severo e crítico de suas atitudes. A filha, que lhe devotava um profundo amor e respeito, completa os tipos que Claude Autant-Lara manipulou neste seu filme. A caracterização das personagens é excelente. São autênticos em suas mínimas atitudes e, freqüentemente, encontramos no cotidiano. Faltou ao filme, entretanto, um pouco mais de movimentação. A estruturação permitiu certo excesso de diálogos, com seqüências estendidas propositadamente, como se fôra uma peça teatral, em vários quadros. Alguns dos "flachs-back" decorrem em cenários típicos de ribalta, mas prevalecem o estilo e a finura, peculiares ao grande cineasta. A interpretação é correta, destacando-se Danielle Darrieux no papel de Janine Frejoul, Henri Vilbert em Monsieur Dupont e ainda Claude Laydu, Ivan Desny, Gregoire Aslan, todos excelentes. A fotografia precisa, bem contrastada, de Andre Bac e música de René Cloerec.

estréias do Festival

ITÁLIA NAS JORNADAS

4 — OUTROS TEMPOS

É um filme constituído de vários episódios, baseados cada um em um conto da literatura italiana. Aldo Fabrizzi encarna um vendedor de livros velhos, instalado em uma banca situada numa praça. É quem serve de intermediário entre cada episódio, dando a continuidade descritiva.

A abertura das narrativas episódicas é um tanto displicente, em desacôrdo com os demais trechos. Segue-se-lhe um episódio breve, sofisticadamente interpretado, lembrando o louvado "La Ronde". Aliás nenhum dos episódios deixa de apresentar o amor, à exceção da abertura e do terceiro episódio vivido por Folco Lulli e Arnaldo Foá. "Idílio" vem a seguir; é o mais delicado e sensível. Figurando o amor transportado para o plano da infância. Em contraste, surge o episódio com Lulli e Foá; "Questão de interêsse". Algo humorístico e bom, embora certos excessos. Depois, temos uma pitoresca e deliciosa reconstituição da Veneza antiga, como pano de fundo para um idílio, episódio êsse sugerido através de fotografias e gravuras da época. O acento é caricatural e satírico e Blasetti. O êxito maior do filme estará evidentemente nesse trecho. mentos. De muito menor interêsse é o trecho de Amedeo Nazzari, Elisa Cegani e Roldano Lupi, que não encontraria justificativa, não fôsse pela função que iria ter na parte intermediária. Blasetti soube encerrá-lo cinematogràficamente, embora dominasse, desde o seu início, o diálogo, a movimentação mais teatral ou literária. Não era um conto dos mais cinematográficos, daí o mérito dêste triunfo do diretor.

O último episódio é vivido por Vitorio de Sica e Gina Lollobrigida. Um julgamento é o centro do episódio: a seqüência é ótima, contendo um pouco de malícia, muito de farsa, bem exploradas por Blasetti. O êxito maior do filme estará evidentemente nesse trecho.

A interpretação de Gina Lollobrigida e De Sicca, principalmente o último, está esplêndida. A direção de Blasetti é eficiente apesar da diversidade de conteúdo e forma dos episódios. Um filme dêsse tipo, em episódios, depende muito da qualidade dos mesmos, tendo de haver um equilíbrio e uma homogeneidade entre cada um. No caso de "O Prazer", em que um dos episódios não se justificava, por anti-cinematográfico, a forma é que poderia salvar a qualidade da obra. Aqui, pela numerosidade dos episódios, a inadequação de dois dos contos, não influiu decisivamente e "Altritempi" está entre os mais interessantes filmes do gênero. Além dos citados, figuram com esplêndido acêrto: Rina Morelli, Sergio Tofano, etc.

MÉXICO NAS JORNADAS

3½ — "A RÊDE"

Entre os melhores lançamentos do ano anterior encontrou-se, por certo o mexicano "Maclovia". Vêm-nos à memória as imensas praias percorridas pelo pescador Pedro Armendariz, e pela sua amada Maria Felix, em sua busca à felicidade. À memória nos ocorrerá também as imensas rêdes estendidas pelas areias. Era, apenas, o instrumento de trabalho. Nesta película, além dêste meio de profissão, é o leito da gente pobre, é a malha de uma justiça odiada pelos humildes habitantes de uma vida que envolve os foragidos das prisões.

Diretor apaixonado pela paisagem de sua terra, o nome de Emílio Fernandez é freqüentemente associado ao do fotógrafo que o acompanha na realização Gabriel Figuerôa. Isto, sôbre tudo, o credencia como dos maiores diretores plásticos do mundo. A história é simples e liricamente desenvolvida. Diálogos empregues com sobriedade dão uma demonstração do conhecimento da arte cinematográfica e da técnica de que Fernandez é possuidor. Enquadramentos originalíssimos, dispondo os personagens centrais dentro do triângulo amoroso que vivem, devido à freqüência do emprêgo cai em certo esquematismo sem perder entretanto, tôda a beleza plástica que paira no filme. O mar, à beira do qual moram as personagens, sugere sempre, com altas sugestões o que o diretor por discrição nem sempre préferiu mostrar. As interpretações de Rossana Podestá, Crox Alvarado e Armando Silvestri não deixam nada a desejar, completando, de maneira adequada o filme, uma obra de valor da cinematografia mexicana. Embora não esteja à altura de "A pérola" e mesmo com certa lentidão do ritmo — funcional com o tema — ainda assim prevalece uma bem louvável qualidade de cinema.

FRANÇA NAS JORNADAS

3 — "OS SETE PECADOS CAPITAIS"

Co-produção franco-italiana, contando com vários diretores e técnicos e apresentando vários episódios ligados entre si. Gérard Philippe, que trabalha em um parque de diversões, é o intermediário dos contos. Cada um versa sôbre cada pecado capital: na ordem, "A

(Continua nas págs. 28 e 29)



França: «O amor de uma mulher».

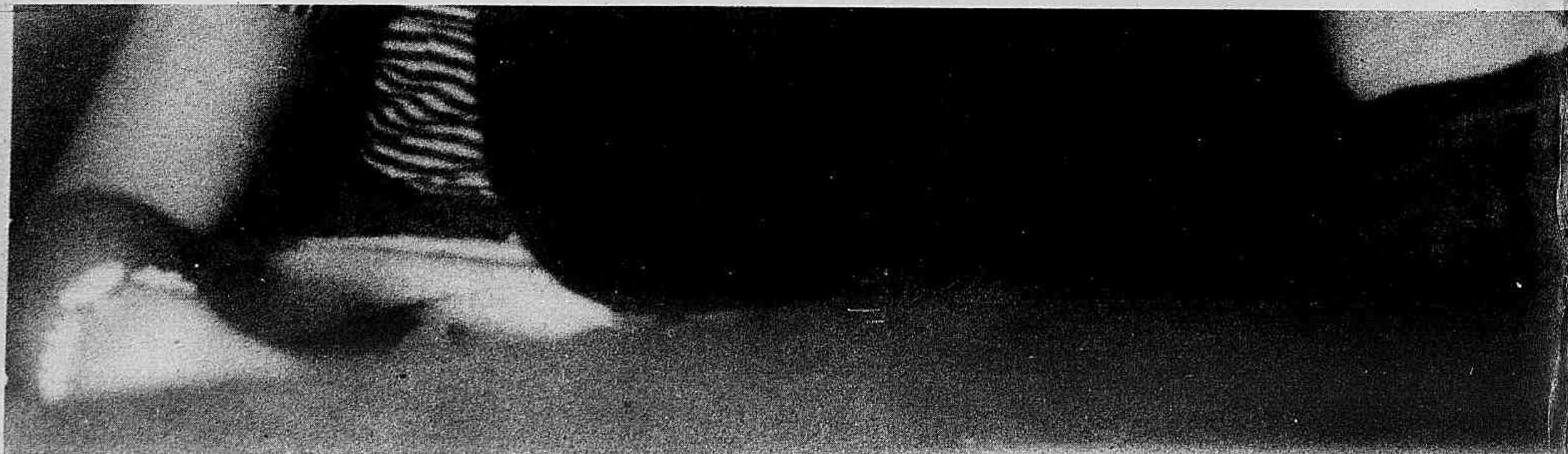


França: «L'etrange desir de Mr. Bard».



Falam à CENA
os «astros» e «estrêlas» americanos
presentes ao Festival

Hollywood



Fred Mc Murray e June Haver: «o romance ainda está no começo»...

É MAIS VANTAGEM SER «FREE-LANCER»

Respondendo a pergunta sôbre o cinema brasileiro informou Walter Pidgeon, que é o presidente do Sindicato de Artistas que vira 1 único filme brasileiro, «Chamas no Cafèzal» com um grande «handicap» da língua, tendo ao seu lado uma intérprete encantadora o que não lhe permitia assistir ao filme e atendê-la condignamente. Por outro lado, tendo o sr. Martin Quingley Jr., da Motion Picture Herald declarado que o Cinemascope, 3-Dimensões e Cinerama não mais permitiam os contratos de artistas, esclareceu Walter Pidgeon que embora reconhecesse a capacidade e conhecimentos do sr. Quigley desejava dizer que a atriz Irene Dunne, ali presente, há muitos anos não estava mais sob contrato, preferindo ser independente, ou seja «Free Lancer», pois nessa qualidade poderia escolher os seus filmes. Êle, por exemplo, sob contrato, não podia escolher seus argumentos. Entre os artistas presentes havia muitos sob contrato e outros independentes. Naturalmente, os grandes estúdios não podiam manter sob contratos os artistas para trabalharem durante pouco tempo. Um dos pontos importantes era o fato de que alguns artistas preferiam jogar com o futuro, isto é, trabalhavam sem remuneração, jogando com o sucesso ou fracasso do filme. Em caso de sucesso, em vez de receberem todo o seu dinheiro a sua remuneração era distribuída em 2, 3, 4 e 5 anos, em porcentagens o que apresentava várias vantagens. Em primeiro lugar o recebimento do dinheiro de uma só vez implicava no pagamento de 80 por cento de imposto sôbre a renda e recebido dessa forma era mais fácil de ser gasto.

A distribuição do recebimento e do pagamento mais suave do imposto sôbre a renda era uma solução melhor.



Jane Powell (que gostaria de filmar no Brasil) e o diretor da «Motion Picture».

no Festival "Quatrocentão"...

Finalizando, Walter Pidgeon declarou que esperava ter respondido a tôdas as perguntas e que se houve alguma dúvida teria prazer em esclarecê-la.

Jane Powell respondeu a sua pergunta informando que Hollywood produz bons e maus filmes devido à grande produção, mas que sempre fazem o que podem e naturalmente algumas vêzes erram.

OS INDEPENDENTES BENEFICIAM A QUALIDADE DOS FILMES

Edward G. Robinson ao ser indagado sôbre a influência dos produtores independentes na qualidade dos filmes, exemplificou a atuação de Stanley Cramer e outros que certamente com grande coragem faziam novas experiências — era muito benéfica devido à concorrência e melhoravam o nível cinematográfico. Todavia, os grandes estúdios também faziam experiências e bons filmes. Sôbre a sua interpretação no papel de Beethoven,



Walter Pidgeon, presidente do Sindicato dos Artistas de Hollywood e JONALD

HOLLYWOOD NO FESTIVAL "QUATROCENTÃO"...



O casal Cummings (Robert): «felizes em conhecer o carnaval carioca».



Barbara Rush, que formou com Jeffreu Hunter o casal mais simpático.

uma das aspirações de sua vida, informou que várias histórias haviam sido escritas para êsse papel, porém nenhuma boa suficiente. Esperava poder interpretar o papel oportunamente. Sôbre a qualidade dos filmes de Hollywood esclareceu que entre 300, 400 ou mais filmes por ano, muitos dêles destinados a puro divertimento, alguns eram maus e outros bons, pois era impossível manter uma produção uniforme. Perguntado sôbre o fato de ter-se recusado a participar do Festival de Cannes se Charlie Chaplin participasse, disse que não passava de um boato, pois não havia motivo para tal.

É NECESSÁRIO HAVER ROMANCE

Perguntado sôbre o seu próximo casamento com June Haver, Fred Mac Murray declarou que ainda não haviam falado em casamento e que os fãs deviam dar-lhe um pouco de tempo para o romance. Sôbre a censura disse que os dois extremos haviam sido experimentados sem sucesso, pois a seu ver nenhuma censura era um mal assim como o excesso de censura verificado nos últimos anos.

June Haver, falando da célebre Luella Pearson e sôbre o seu efeito e influência no prestígio dos atores, declarou que era grande amiga da mesma, bem como os demais artistas presentes e que se tratava de uma pessoa muito boa, muito católica e que procurava ajudar os artistas com a sua influência.

Jeffrey Hunter respondeu que apreciava o aspecto humanitário do convite a visitar a Penitenciária do Estado, porém, fazendo parte de uma delegação dependia da decisão dos organizadores do programa.

Barbara Rush respondeu que «Sublime Obcessão», a nova filmagem a ser apresentada provàvelmente no Brasil em julho do ano que vem, era o filme preferido de sua carreira. Êsse filme fôra feito anteriormente por Irene Dunne e Robert Taylor.

Falando sôbre a influência do McCarthismo, disse Walter Pidgeon que o seu grande ideal deveria ser respeitado, pois se tratava de um homem de firmes propósitos, honesto em suas pesquisas e investigações. Repetiu as palavras de Edgard Hoover, Chefe da F.B.I., declarando-lhe que deveriam existir 50 outros McCarthys para acabar os abusos da propaganda e infiltração comunistas.

Jeanette Mac Donald gostaria de fazer um outro filme com Nelson Eddy, porém, ainda não foi encontrada uma boa história para êsse novo filme.

Gene Raymund informou que vários atores haviam-se transformado em bons diretores, citando Dick Powell, Ida Lupino e outros.

A INFLUÊNCIA CATÓLICA EM HOLLYWOOD

Sôbre até que ponto ia sua briga com sua irmã Olivia de Havilland, Joan Fontaine declarou que embora existissem as dife-

renças de opiniões entre ambas tinha muito orgulho de sua irmã de quem acabara de receber aqui em São Paulo uma carta de Paris.

Robert Cummings não conhece pessoalmente Charles Chaplin, porém, sabe que êle não deseja voltar aos Estados Unidos. Irene Dunne informou que a influência da Igreja Católica no cinema é enorme, benéfica e mesmo tremenda. Presentemente, sob essa influência, estavam sendo produzidos os seguintes filmes para a televisão: um sôbre o sistema de ensino, professôres adequados e o seríssimo problema da educação das crianças; outro sôbre os escritores de peças, entrevistas, comentários e livros para a televisão, rádio e revistas e sôbre a boa qualidade dessas publicações; outra ainda sôbre política, salientando a necessidade de escolherem as pessoas acertadas para os corpos políticos e, finalmente, sôbre os problemas trabalhistas também seria realizado um filme. Esperava que êsses 4 filmes pudessem ser passados no Brasil.

Melvyn Le Roy em sua segunda entrevista reiterou o seu parecer sôbre S. Paulo uma das cidades que o fascinavam mais dentre tôdas que conhecera com um ritmo de progresso espantoso e lhe parecia estar num país encantado e mais uma vez declarava gostar muito do Brasil e de seu povo.

Rhonda Fleming, a última entrevistada, demonstrou a sua satisfação em estar em S. Paulo ao lado de tão grandes «astros», de seus «astros» preferidos que nunca tivera o ensejo de conhecer em Hollywood e com quem convivia durante o Festival. Sendo a mais recente revelação do cinema dentre as presentes, informou com simplicidade que iniciara sua carreira por acaso, pois estudava num Colégio em Beverly Hills e seu retrato fôra publicado no jornal do colégio. Um agente vira a foto e fôra convidada a filmar para David Selznick e sôbre o seu filme preferido disse que as atrizes têm uma tendência a achar sempre o último filme o melhor, porém gostara muito de «Quando Fala o Coração» e naturalmente, ainda estava sob a influência do último, que também apreciava.



Barbara Rush encantada com as fantasias de «A CENA»



Rhonda Fleming, a de pernas e busto revolucionários.



Ana Mariscal, apresentada por Fernando de Barros, cumprimenta Alberto Ruschel.

Chegando aos poucos, dando intenso trabalho ao presidente da delegação brasileira, Jaime Pinheiro, vão chegando os nossos atores. Hospedados em diversos hotéis até o momento em que escrevíamos — cinco dias após a inauguração — estas notas, ainda não se haviam coordenado suficientemente. Assim, nas elegantes e aparatosas "premières" do Festival, no Palácio do Cinema têm sido poucas as presenças do cinema brasileiro. Na inauguração, vimos apenas Tônia Carrero, Marisa Prado, Mary Gonçalves, Gilda Nery, Inalda de Carvalho, Alberto Ruschell, Ruth de Souza, Tom Payne, Eliana Lage, Mário Sérgio e Vera Nunes. Como vêem, nenhum dos elementos do Rio. Agora, já estão vindo. Encontram-se Fada Santoro, Cyl Farney, Dóris Monteiro e José Lewgoy. Em "A CENA" está procurando a todos ouvir. Para iniciar, nada mais justo do que a palavra dos responsáveis pelos filmes brasileiros que estão sendo projetados no Festival. Assim, começamos por José Carlos Burle, de "Chamas no Cafèzal" e Walter Hugo Khouri, de "O gigante de pedra".

José Carlos Burle, que já nos deu filmes de qualidade como "Também somos irmãos", veio à São Paulo cheio de esperanças, confiante na afirmação do cinema brasileiro como arte e indústria. Surpreendeu-o a crise que atualmente paralisa os estúdios importantes. Para a Multifilmes havia realizado "O Craque" já exibido em São Paulo e recentemente acabou "Chamas no Cafèzal". Manifestou a princípio sua satisfação de ver sua película classificada para represen-



Vera Nunes, sorridente, acompanhada de Dinah Mezzomo, comparece à inauguração.



Tônia Carrero e Ana Esmeralda, atriz e bailarina espanhola, tornaram-se amigas.

tar o Brasil e salientou que fôra a única que obtivera unanimidade de votos do júri.

Sôbre o Festival frisou a importância das mostras retrospectivas, da exibição do cinema educativo e infantil que, são, finalmente, o aspecto mais interessante.

Evidentemente deve-se enaltecer o caráter de propaganda do Brasil, um caráter que só nos trará vantagens e que não deve nunca ser esquecido.

O filme que dirigiu foi atuado, em seus papéis mais importantes, por atores estrangeiros, um dos quais, Angelika Hauff representa a Áustria neste certame. Perguntamos como o diretor via esta feição, por assim dizer inédita de seu trabalho.

— "Sentimentalmente, se me coubesse livre escolha de atores, os teria selecionado entre brasileiros. Entretanto como a companhia para a qual trabalho, mantia sob contrato alguns artistas estrangeiros, para não assoberbá-la no orçamento e naturalmente satisfazendo as exigências de direção, utilizeio-os. Não faço reservas à interpretação, que segundo meu ponto de vista, foi correta.

Inquirimos também a respeito da organização do Festival.

— O Festival é vítima de organização "sui-generis": a desorganização. Como há pessoas que encontram papéis sôbre uma mesa mal arrumada, espero que o Festival não seja prejudicado pela desorganização que êle promove, tão eficientemente. Um outro aspecto que deve ser notado a fim de não haver reincidências são as injustiças da distribuição de credenciais. Muitos técnicos, inúmeros atores foram relegados em benefício dos bem apadrinhados, os eternos preferidos e desfrutadores das boas oportunidades. Esperamos que isto não se repita.

— Deve-se salientar a possibilidade que se oferece presentemente da exportação de filmes brasileiros. Muitos diretores e produtores têm-nos procurado a fim de travarem conhecimento com o que produzimos. Alguns dêles como Melvin Le Roy, estão à cata de uma boa história "de amor" a fim de filmarem-na em regime de co-produção."

— E a crise? foi nossa pergunta seguinte.

— Para solucionar a crise atualmente existente em nosso cinema, far-se-iam necessárias, algumas medidas de proteção. Algo compatível com as nossas possibilidades, sem prejuízo para o cinema pátrio. Uma delas



Mário Sérgio, ator de «Luz Apagada», acompanha Ninon Sevilla numa das «premières» no Cine Marrocos.

O FESTIVAL



Mary Gonçalves confraterniza com a sorridente Ninon Sevilla, antes de esta última ser sensacionalmente assaltada.



Tônia Carrero, uma das mais populares atrizes do nosso cinema, distribui autógrafos.

o aumento do preço dos ingressos. Um têrço do total dos aumentos seriam destinados ao fomento da produção industrial da cinematografia nacional e a proteção de técnicos e atores.

— Não acha o senhor que o aumento dos ingressos acarretaria uma predisposição do público contra o cinema brasileiro?

— Não. Há alguns anos atrás o preço dos teatros era de Cr$ 10,00. Atualmente pagamos quarenta, oitenta e até mesmo duzentos, entretanto não deixou de haver público e desenvolvimento do teatro. Pelo contrário, seduzidos por êste aspecto muitas companhias foram fundadas; as que tinham realmente valor permaneceram, as demais faliram ou desapareceram — uma afirmação do discernimento do público.

É preciso por outro lado que o govêrno limite a importação de filmes estrangeiros de má qualidade que em nada contribuem para a diversão ou cultura do povo. A criação do Instituto Nacional de Cinema é uma esperança neste sentido, assim como a de créditos especiais que permitam o desenvolvimento do cinema-indústria. O govêrno deve também fazer-se respeitado em suas leis, tais como a da exibição.

Teceu a seguir considerações sôbre as diversas representações ao Festival quando foi surpreendido por inúmeras pessoas que lhe solicitavam autógrafos. A nossa missão estava cumprida e retiramo-nos à procura de Walter Hugo Khouri.

Walter Hugo Khouri: provàvelmente é êle o mais jovem diretor brasileiro da atualidade. Sua experiência cinematográfica anterior é por assim dizer insignificante. Trabalhou nos escritórios da Vera Cruz durante a elaboração do roteiro de "O Cangaceiro". Modesto, retraído, suas declarações foram extraídas com dificuldades, pergunta por pergunta, frase por frase. Ex-estudante da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, apaixonou-se pelo cinema. Suas grandes aspirações não se limitaram à falta de experiência. Queria dirigir e levou suas aspirações à concretização. A primeira oportunidade foi "O Gigante de Pedra". Fundamentalmente é uma história simples, sem nada de extraordinário que a caracterize mas que possui grande valor cinematográfico.

A verba destinada à confecção do filme depois de quinze dias esgota-se. Isto em janeiro de 1951. Não desanimou entretanto o nóvel diretor. Depois de breve interrupção prosseguiu as filmagens, tendo solicitado nova verba do "Cast Cinematográfico Brasileiro", a companhia financiadora e produtora. O preço do filme virgem aumentava e os atores devido a interrupção se ausentavam. Isto motivou nova suspensão dos trabalhos. Mas fibra e audácia não são vencidas com os primeiros impecilhos e filmando descontinuamente concluiu a película. Nos últimos quinze dias que precederam as inscrições ao Festival, ocorreu a Walter Hugo Khouri uma idéia que a princípio lhe pareceu pretenciosa e temerária: inscrever seu filme para a mostra internacional. Foram então quinze dias de trabalho insano: dubla-



Ruth de Souza palestra com os membros da delegação francesa, no «Palácio do Cinema».

gem, montagem, sincronização, nada disto havia sido realizado. E as noites sucederam-se aos dias de trabalho fatigante e contínuo. Os temas musicais recolhidos por Mário de Andrade em Pernambuco foram aproveitados para a caracterização da película cujo personagem central é uma pedreira onde se esplodem dinamites, onde a memória é roubada por acidentes imprevisíveis e onde o amor sublinha o drama dos que labutam nela. O filme foi roubado 80% em locação, procurando captar a rusticidade do ambiente e a sua autenticidade. Entretanto, afirma-nos Khouri, acredito que o filme tenha unidade e ritmo adequado e que poderá impressionar a platéia que o assistirá.

— Quanto ao filme brasileiro — disse-nos Khouri da sua esperança de ver brevemente solucionada a crise no nosso cinema e o engrandecimento da nossa cinematografia, cujo valor, já foi manifestado nos festivais internacionais europeus e que tanto orgulho e esperança lhe trazem. Espera ver seu filme exportado e percorrendo circuitos estrangeiros, realizar outras películas mais perfeitas e que reflitam melhor seus objeitvos na arte. Entre os filmes brasileiros que mais apreciou, salientou: "Uma pulga na balança", "Luz apagada" e "Veneno".

Despedimo-nos de Walter Hugo Khouri confiante de que tinhamos conhecido uma das maiores esperanças da nova geração de cineastas brasileiros.



Marisa Prado dança com Tom Payne, que procura diverti-la, fazendo gracinhas...

"estrêlas" do

Tomou vulto a idéia do produtor espanhol Cesareo Gonzalez em realizar alguns filmes no Brasil. E Maruja Asquerino, tendo sido escolhida, preliminarmente, nestas primeiras demarches, sente-se duplamente feliz com a perspectiva.



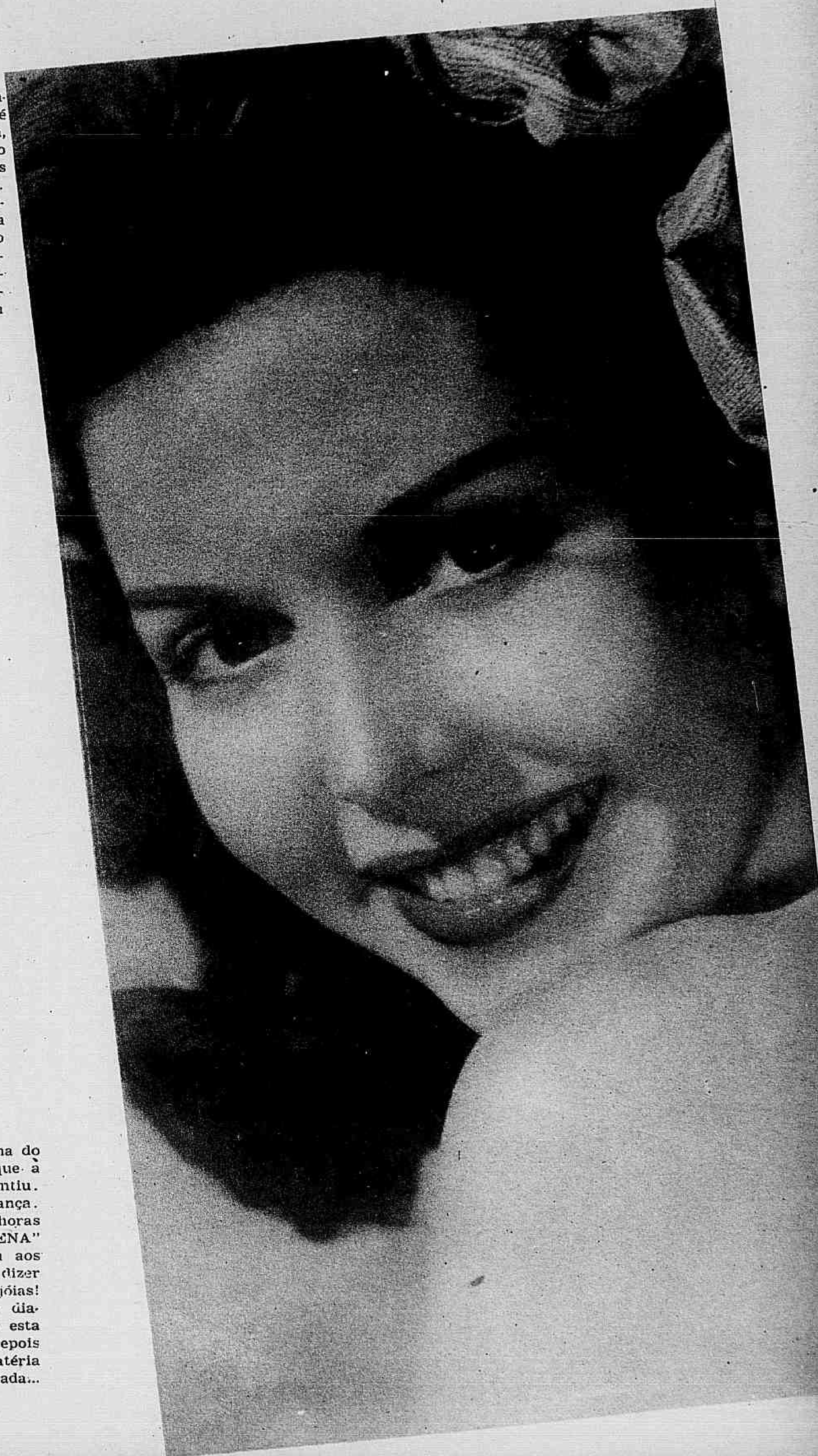
Ana Maria, que na última «A CENA» foi minuciosamente entrevistada, já cumpriu uma das solicitações da sociedade bandeirante: tem patrocinado, nas festas e reuniões, a oportunidade de mostrar aos convidados os seús pendores para a dança típica espanhola.

festival

J A N E   P O W E L L

Aí está um dos raros exemplos de que a realidade se assemelha com as imagens. Jane Powell é exatamente aquilo que o cinema sugere. Bonita, agradável, de sorriso simpático é também muito franca. Contou para "A CENA" que foi através do rádio a base para a sua entrada no cinema. Revelou que ao procurar os estúdios, o fazia apenas como fã e colecionadora de autógrafos! Fora dos mesmos, cantando no programa de rádio do "Hollywood Showcase" foi que veio a receber proposta para filmar. Em São Paulo, Jane tem aproveitado as horas de folga para fazer compras. Tem-se preocupado; mais do que as suas colegas, em levar "souvenirs" paulistas para Hollywood...





A N N   M I L L E R

Em pessoa, Ann Miller é muito mais franzina do que aparece na tela. Seria fácil imaginar que à "estrêla" tivesse emagrecido mas Ann desmentiu. O seu pêso é sempre o mesmo por causa da dança. Quando não filma, faz aulas durante quatro horas seguidas, diàriamente. Revelou para "A CENA" que a sua vocação para o bailado começou aos três anos de idade. Ann teve ocasião de dizer que o melhor amigo da mulher são as jóias! Exemplificando, citou a sua preferência por diamantes, topázios, brilhantes e rubis. E com esta fica bem definido o temperamento de Ann. Depois dêsse negócio de jóias como o máximo, em matéria de amizade, não há necessidade de dizer mais nada...

Com êstes trovões, estou recordando o diabo que interpretei em «La Beauté du Diable»...

"O indispensável para um ator é a Paixão e a Inspiração"

MICHEL SIMON, UM DOS GENIAIS ATORES DO CINEMA FALA À "CENA" NO APARTAMENTO DO SEU HOTEL, EM SÃO PAULO

exclusivo para "A CENA", por SANIN

Michel Simon, o excelente ator francês, estava acometido de violenta gripe, quando fomos visitá-lo e solicitar-lhe esta entrevista. Extremamente simples, acolheu-nos afàvelmente. Em nenhuma das suas atitudes transpirou aborrecimento pelo fato de ter de se conservar retirado das atividades do Festival. Enquanto, lá fora, tudo era alegria, ao contrário, no seu quarto de hotel, solitário, lia alguns romances. Sua personalidade e experiências cinematográficas, sua maneira de falar apaixonada fizeram-nos esquecer outras obrigações. Durou várias horas esta entrevista exclusiva para A CENA.

Possui uma figura deveras marcante. Grandalhão, gordo sem ser obêso, transparece na expressão a intransigente marca do tempo. Fatigado da vida de sucessos e lutas, não demonstra vaidade por ser grande. No cinema francês é um dos melhores atores de todos os tempos.

Tendo sido o criador de Mefistófeles em "La Beauté du Diable" de René Clair, pedimos-lhe que falasse sôbre êste seu magnífico desempenho e a sua opinião sôbre êste diretor francês.

— "Realmente foi um dos papéis mais importantes e que mais me agradaram em tôda minha longa trilha cinematográfica. Um filme para o qual contribui com sugestões pessoais como o apêlo de Mefistófeles ao Diabo. Aliás René Clair imprimiu a esta personalidade ilustre, símbolo de tantas desgraças, um lado sedutor que, durante o transcurso da película, capta simpatia, apesar dos transtornos que causa".

Dos 112 filmes em que Michel Simon atuou, grande número dêles inspirados, quase de encomenda, para que fôsse explorada sua extraordinária capacidade interpretativa, um quarto lhe agradaram plenamente. Mas, entre todos, daquele que guarda as melhores recordações é "Atalante" de Jean Vigo:

— "Para êste filme, empregamos todos nossos esforços. Fui o responsável pelos diálogos. Trabalhávamos dias e noite consecutivas, insanamente, sem pausa, estimulados pelo café. Assim, terminamos a exepcional obra que foi dada ao mundo por Jean Vigo e de cuja glória, êle lamentàvelmente não desfrutou, pois morreu um mês após o seu lançamento. Para a realização desta película, empregamos todos nossos haveres. Lembro-me, ainda, do último dia de filmagem: o prazo de aluguel do estúdio estava por encerrar. Dispúnhamos, apenas, de 18 horas e uma série de planos a serem filmados. Felizmente, terminamos o filme para justa consagração merecida de Jean Vigo".

— "Quais os seus últimos trabalhos?"

— Terminei meu último filme antes da vinda ao Brasil. Trata-se de "Par ordre du Tzar" e escrevo atualmente um livro de memórias que será publicado brevemente. Tive, note-se de passagem, grandes satisfações em minha vida. A maior delas talvez tenha sido a dedicação de meu amigo Sacha Guitry escrevendo dois argumentos especialmente para mim: "POISON" e "LA VIE D'UN ÊTRE: HOMME".

— Quais as características de um bom ator e quais as condições indispensáveis para sê-lo?

— "O fundamental na arte do ator é a paixão e a inspiração. Se a técnica é indispensável ao diretor, para a realização de sua obra, pode se tornar perigosíssima para o intérprete. Um dos maiores comediantes da França, Lucien Guitry, no seu tempo de aprendizado, em escolas de arte dramática, foi considerado um péssimo ator de qualidades inferiores obtendo no seu princípio más críticas. Raimu era um homem sem cultura que se iniciou como Maurice Chevalier e Fernandel nos espetáculos baratos de café-concêrto. Quanto a mim, particularmente, já tentei vários gêneros; até operetas já cantei!..." E continuou, entusiasmado:

— "Para um ator, ao contrário do que sucede às atrizes que podem manipular sòmente com que se convencio-

(Cont. na página 34)



«No comêço, cantei até operetas em cafés»...



Da esquerda para a direita: Etchika Choureau Blanchette Brunoy, Vinicius de Morais, Miche Simon, Sophie Desmarets e Lise Bourdin, nc «cock-tail» oferecido à delegação francesa, antes da partida para o Brasil.





ESTADOS UNIDOS

"ESTRÊLAS"

RHONDA FLEMING

Apesar de tôda a sua encantadora amabilidade não é em pessoa, a mesma beleza que irradia das imagens. Talvez seja a influência dos cabelos: excessivamente pintados de ruivo. Em compensação, poucas "estrêlas" de cinema demonstrarão tanta gentileza quanto Rhonda. Ficou contentíssima quando tivemos ocasião de mostrar a recente "CENA", em que figura na capa (vide foto nas páginas iniciais desta revista). E mais ainda quando apreciou a série de fantasias, em tôrno de motivos do filme "A serpente do Nilo", também aproveitadas nesta revista. Dois são os seus filmes prediletos: o primeiro e o último. Em "Quando fala o coração", o marco inicial, foi aproveitada graças a um agente "descobridor de "estrêlas", que a havia visto representar no teatro. Na sua mais recente película "Yankee Pasha", ao lado de Jeff Chandler, inédita no Brasil, encontrou um pouco mais de oportunidade. Em tôrno disto falou:

— Infelizmente, ainda não encontrei um papel que me satisfizesse inteiramente. Espero, sem desânimo, esta "chance" e tenho esperanças de que será cumprida.

É curioso notar que Rhonda descende das mais próximas gerações da Inglaterra, Suécia, França e Irlanda. Daí se explica algo em volta do seu exótico semblante. Casou-se em julho de 1952 e o seu verdadeiro nome é Marilyn Louis.

JOAN FONTAINE

Da mesma maneira do que ocorre com Rhonda Fleming, a visão pessoal de Joan não está em correspondência com a da tela. Aliás, esta é a regra geral e assunto fàcilmente previsível: os efeitos de luz, a "maquilage", etc. Apesar de ser uma criatura educada e gentil, tampouco irradia aquêle halo lírico, que sugeriu em tantas películas. Isto fala a favor da sua capacidade de trabalho. A irmã de Olivia de Havilland vive as heroínas românticas ou, às vêzes, estranha ou até mesmo criminosa mas nada tem de peculiar em presença, a não ser as inevitáveis marcas do invencível fator tempo. Referiu-se, sem maior entusiasmo, pelos seus dois últimos filmes: "Mistérios de Marrocos" e "A grande noite de Casanova". Deve ao teatro o seu ingresso no cinema; (atuou, sàbiamente na própria Califórnia, até receber um convite) e, por sua mana já ser uma famosa "estrêla" naquela época, adotou o Fontaine para diferenciar.

SOPHIE DESMARETS

Nome verdadeiro: Jacqueline Desmarets. Seu pai, Bob Desmarets, era organizador de corridas de bicicleta. Nascida em Locmariaquer a 7 de abril de 1922. Divorciada, uma filha, Catherine. Gosta de esquiar e jogar tênis. Distração predileta: fazer "tricot". Passatempo: arquitetura. Grandes emoções de sua vida: entrada no Conservatório, nascimento da filha, viagem à Itália. Criações no teatro: "Leonore de Silva" (estréia em 1942), "Au p'tit bonheur" (1944), "Le soldat et la sorcière" (45), "Le Misanthrope" no papel de Celimène (1947). No cinema: "Premier rendez-vous" (estréia ao lado de Danielle Darrieux), "120, rue de la Gare" (1943), "Rocambole" (1947), "Croisière pour l'inconnu" e "Femme sans passé" (48), "O rei" (1949).

Através da entrevista que manteve para com "A CENA", demonstrou finura e discernimento. Nesta parte desprezível do físico — mas que os leitores exigem a verdade .. — tem, em realidade, muito mais idade do que aparenta na tela. Mas... que importa!

BLANCHETTE BRUNOY

De tôdas as atrizes do Festival Internacional com que "A CENA" palestrou, foi Blanchette Brunoy quem mais revelou o desejo real de conhecer assuntos e costumes do nosso país. Note-se que não ficou no campo do pictórico. As coisas antigas e peculiares — exemplo, uma fazenda no interior. — a interessaram muito, demonstrando o grau de cultura do seu temperamento de estudiosa. Também sôbre os problemas do cinema francês — a que se refere com orgulho e otimismo — foram alvos de considerações de quem conhece, pelo menos, a estrutura e o desenvolvimento atual. É afilhada e sobrinha do grande escritor Georges Duhamel. Na sua carreira, optou, no comêço, pelo "ballet". Isto aos 14 anos de idade. Porém, foi o suficiente para ser vista por Leon Bernard, que a levou para o teatro. Começou insidiosamente, mais tarde, no cinema, em ligeiros papéis até que surgiu Marcel Carné e lhe deu a oportunidade e, com "La Marie du port". Entre "pontas" e principais papéis, ascende a 20 o número de filmes em que participou.

FRANÇA





do FESTIVAL

ERICH VON STROHEIM, A GRANDE VÍTIMA...

Erich von Stroheim veio ao Brasil acompanhado de sua espôsa, a atriz Denize Vernac. Ambos vestem-se com elegância e discrição. Êle, um pouco mal pôsto, prejudicado por seu físico que em nada o distingue de um rico comerciante de qualquer cidade do mundo. Ela, bem trajada em elegantes vestidos sem adornos, e uma nobre expressão de senhora chegada à madureza. Erich von Stroheim falou para "A CENA" e falou bem, sôbre sua vida, suas realizações e aspirações. Enquanto sua espôsa elogiava-o êle fêz-se o modesto. Frisava sempre



a sua "humilde opinião" sem nenhuma afetação convencendo-nos que realmente é antes de tudo um homem sincero, sem compromissos de espécie alguma, capaz de dizer tudo que lhe vai n'alma.

O criador de "Greed" e "Leito nupcial" mora atualmente a quarenta milhas de Paris, numa casa de campo, cercado de uma exuberante paisagem, cercado do carinho de sua mulher. O único contato que mantém com Hollywood é através de correspondência com seus dois filhos, "infelizmente", conforme disse, produtores naquela cidade. De resto, ocupa suas horas de lazer e "felicidade", escrevendo a segunda parte do seu romance "Fogos de São João".

A razão da visita do importante realizador norte-americano é a mostra retrospectiva de sua obra, idéia nascida na Cinemateca de Paris para demonstrar que, há 28 anos, o chamado "neo-realismo" da escola italiana já não era novidade. Em 1923 êste diretor fizera um filme no qual não empregara nem um cenário artificial e sòmente três atores profissionais. Isto sem prejuízo para a obra que, no tempo do divinismo, tornou-se um clássico do cinema. A formação de Erich von Stroheim é devida a David Griffith, imortal criador de "Intolerância", e do qual foi um dos colaboradores mais próximos. Seu mestre, segundo suas próprias declarações, foi um vidente extraordinário. Em 1915 já previa o som, a côr e a terceira dimensão.

Perguntado sôbre a atual produção americana respondeu:

— Tècnicamente o cinema norte-americano conseguiu todos seus objetivos.

Não se esqueceu sequer do cheiro pois a maioria dos filmes daquela procedência são "mal-cheirosos".

— Em 1923 empreguei a côr no cinema. Para isto tive que colorir as

ACUSO!

seqüências, fotograma por fotograma, a fim de realçar os objetos de cobre e ouro do meu filme "Greed". Esta aliás foi a primeira vez que empregou-se a côr como efeito psicológico. Em "Marcha Nupcial" também colori determinadas cenas. Infelizmente, não foi possível fazê-lo assim integralmente. Aí começaram as imposições da indústria e a falta de dinheiro.

— E sôbre sua carreira hollywoodiana e o abandono daquela que é considerada a meca do cinema?

— Eu não abandonei Hollywood, simplesmente deixei-a. Não gosto de estar parado numa cidade em que todos labutam e que eu era considerado como "ferro velho". Não gosto também das pessoas que lá trabalham. Evidentemente existe ali uma grande quantidade de moças bonitas mas não me interessaram. Além disso, os produtores, nestes últimos quinze anos, têm feito filmes apenas para sua satisfação pessoal. Uma, duas ou, no máximo, três pequenas são suficientes para encher uma tela e agradarnos bastante. Cem é inflação, um exagêro imperdoável; refiro-me às películas com pernas, mulheres bonitas nuas ou semi-nuas, os tais "musicals".

— Qual o caráter fundamental de um bom filme? — foi a pergunta seguinte.

— A história sem dúvida nenhuma. Basta dizer que o filme "Greed", baseado num romance de Frank Norris, escritor americano, discípulo de Emile Zola, infelizmente pouco conhecido, depois de trinta anos é reapresentado em Londres com grande sucesso. Só posso atribuir à imortalidade da obra à atualidade da mesma. Portanto história.

A atriz Denize Vernac contestou dizendo que o mesmo romance havia sido filmado poucos anos antes da realização de "Greed" sem que tivesse obtido sucesso algum.

— Isto deve ser atribuído ao fato de eu dispor de recursos técnicos que meu predecessor não possuia: o cinema naquela época ainda estava em estado embrionário.

— A sua opinião sôbre alguns dos realizadores americanos.

— Chaplin é realmente um grande comediante. Prefiro não tecer considerações à sua obra como diretor. Tenho admirações por William Wyler. Entretanto, não é possível fazer de um homem de negócios um artista.

(*Continua na pág.* 34)



MELVYN LE ROY RESPONDE A VON STROHEIM...

— O cinema é um mixto de arte e diversão. Devemos fazer concessões sempre. Seja para beneficiá-lo e para ter maior aceitação.

Estas foram as primeiras palavras do criador e produtor de "Quo Vadis" filme recentemente lançado no Rio, especialmente para "A CENA".

Melvin le Roy já realizou obras importantes no cinema. Defende um ponto de vista oposto ao de Erich von Stroheim: o da transigência em relação à arte cinematográfica e assim esclareceu :

— O mais importante para um filme é evidentemente a história. Dêem-me uma boa história e terão uma boa película. A crise no cinema americano nada tem a ver com a concorrência da televisão; é uma crise de originalidade, de idéias. Os musicais evidentemente podem não ser uma obra de arte ou o que de mais original têm-se feito. Servem entretanto aos seus próprios objetivos que é exclusivamente diversão.

O fato da grande propaganda em tôrno de algumas "estrêlas" glamorizadas excessivamente, tais como Marilyn Monroe e Jane Russel conduziu-o a afirmar.

— Este gênero de "estrêlas" não significa tampouco uma solução para o cinema norte-americano como pretendem alguns produtores. O máximo que elas poderão salvar é ao produtor ou ao diretor...

DEFENDO!

— Que acha de Erich von Stroheim?

— Um excelente diretor responsável por alguns bons filmes, de grande aceitação nos Estados Unidos. Entretanto, saiam caríssimos pois êsse criador tinha ampla liberdade de ação nos estúdios para os quais trabalhava. Não tendo havido compensação econômica não pôde naturalmente prosseguir na sua obra de diretor. Não nos esqueçamos que cinema é uma organização industrial".



— Que acha dos modernos métodos empregados no cinema norte-americano?

— Acredito no Cinerama, tendo minhas dúvidas sôbre o êxito do Cinemascope. Isto, entretanto, é apenas mais uma fase, um acréscimo à expressividade do cinema, não significando entretanto tampouco salvação de coisa nenhuma.

Falou à seguir das suas aspirações como diretor, das suas preferências salientando a satisfação de que se sentia possuído por ter dado aos espectadores do mundo, alguns filmes com os quais enchia suas horas de lazer. Como personalidade de Hollywood, contribuiu descóbrindo algumas "estrêlas". Desfruta de inúmeras amizades naquela cidade e admira profundamente Cecil B. de Mille, entre outros. Ventilou a possibilidade de realizar um filme no Brasil. Faz mesmo, por nosso intermédio um apêlo à quem possua uma história de amor original lhe seja enviada, pois êle quer fazer um filme no Brasil, baseado em história escrita por brasileiro!...



"ESTRÊLAS" DO FESTIVAL





LEONORA RUFFO

Tem apenas 18 anos de idade. Considerada, quase unanimemente, a mais bela das "estrêlas" presentes ao Festival. Muito nova ainda, tem largo futuro diante da sua pessoa. Tomou parte em apenas quatro filmes e nenhum dêles ainda foi exibido no Brasil. Está um pouco triste, conforme contou "A CENA" porque um dos seus filmes, enviados para o festival, o famoso "Il Vitelloni" deixou de ser projetado no dia oficial porque ainda não chegou da Itália. Porém, tem fundadas esperanças de que ainda será conhecida neste Festival. Além de "Il Vitelloni", apareceu em "Guerrin Meschinon", "La Regina di Saba" e "Amori di messo secolo". Prefere os papéis dramático-românticos. Dedica-se, também, à arte do piano. Dos atores que trabalhou prefere Gabrielle Fezetti e tem especial admiração por Raff Vallone. Dos diretores do seu país opta por um grupo constituído de Lattuada, De Sicca, Fellini (que a lançou no cinema) e Zampa. Possui olhos muito expressivos e é muito gentil para com todos, conquistando gerais simpatias.

MARIA FRAU

Trata-se de outra figura jovem da cinematografia italiana porém, um pouco mais experiente do que a sua colega Leonora. Inclusive porque alguns dos seus filmes já passaram no Brasil, conforme "A ponte dos suspiros". Entrevistada por "A CENA" teve ocasião de falar na sua carreira e sôbre o cinema do seu país. Dos seus trabalhos — mais de uma dezena — gosta mais de "Sultana Safiye", cuja ação decorre em Veneza e onde interpreta uma personagem oriental. Embora não tivesse o principal papel, conforme ocorreu em "Sultana", tem a sua predileção pela oportunidade que teve em "O lôbo da fronteira". Outras das suas películas são: "O preço da honra" e "Pecadora e Santa", não exibidos no Brasil. O ator máximo italiano é, segundo a sua opinião, Amedeo Nazzari. Dos diretores, disse que gosta de todos...



AMELIA BENCE

Celebrizou-se no seu país, como atriz de teatro. Teve a franqueza de declarar à "CENA" que prefere a ribalta. Julga que esta última arte é mais verdadeira: "O público a sente de maneira mais direta". Nos últimos tempos tem feito teatro esporàdicamente. Já foi premiada sete vezes pela Associação dos críticos argentinos, entre outros, como os seguintes filmes: "Guerra gaúcha", "Todo um homem", "Dança do fogo", "Terceiro beijo", "Sangue frio". Está no cinema desde 1939 e pretende continuar alternando as duas artes. Gosta muito do Brasil. Já conhecia o Rio devido a duas passagens de trânsito para o México. Pretende passar algumas semanas a mais, após o término do Festival e, assim, tomar maior conhecimento com as nossas coisas.





LAURA HIDALGO

Ao contrário do que muita gente supõe, Laura Hidalgo não é argentina. Nasceu na Rumânia e foi para a Argentina aos três anos de idade. É uma das mais lindas atrizes do cinema internacional. Podemos também antecipar aos leitores de "A CENA" as nossas impressões sôbre a sua conduta artística em "Maria Magdalena" e "A orquídia", simplesmente magníficas. Conseqüentemente, pertence ao raro grupo das atrizes que congregam arte e talento. Em palestra exclusiva para esta publicação teve ocasião de referir a episódios de "A Orquídea" filme que lutou e venceu o convencionalismo de certas situações. Está de acôrdo com o nosso ponto de vista, a respeito do argumento. Indagamos se, em situação semelhante, figurada na vida real, teria pôsto em prática as mesmas reações da heroína do argumento, respondeu, decisivamente que não.

— Jamais casaria com aquêle homem! — Laura fêz teatro experimental desde os quinze anos de idade. Passou ao cinema através de um concurso e gosta muito das duas artes. Além das duas películas supra, tomou parte em "O Túnel", "A Bêsta deve morrer", "Arminho negro", "O Incêndio"'. De todos prefere "O Túnel".

novela das imagens

ESTREADO NO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO

SELEÇÃO OFICIAL DA ARGENTINA

maria

FICHA TÉCNICA:

Produção de 1953
Produzida pela ARGENTINA SONO FILM
Direção de CARLOS HUGO CHRISTIENSEN
História original de PEDRO VIGNALE
Diretor de fotografia ALBERTO ETCHEBEHERE
Música de GEORGE ANDREANI

"DISTRIBUIDORA E PRODUTORA AMERICANA DE FILMES"

ELENCO:

Maria Madalena	LAURA HIDALGO
David	FRANCISCO MARTINEZ ALLENDE
Rómulo	RICARDO CASTRO RIOS
Cário	HOMERO CARPENA
Juan	LUIS DAVILLA
Lázaro	JOSÉ MARIA GUTIERREZ
Juana	MARIA CONCEPCION CESAR
Martha	BLANCA TAPIA
Doutor Simon ..	RICARDO GALACHE

As paixões lascivas têm sempre um mau epílogo.



Maria Madalena na fase de sua leviana existência.



No velho Castelo, teve início a transformação do íntimo de Maria.

Estamos em Salvador, Bahia, Estado do Brasil. Maria Madalena (Laura Hidalgo) é uma jovem e formosa herdeira baiana, que mora em companhia de seus irmãos Martha (Blanca Tapia) e Lázaro (José Maria Gutierrez). Chegando à maioridade, perde a tutela dêles, passando a administrar seus próprios bens, a fazenda de cana e café e um velho Castelo.

madalena

Com uma magnífica festa Maria celebra sua total independência, visto que o seu caráter e o afeto pela liberdade e diversões nunca se haviam manifestado. Lázaro, condenado por uma grave enfermidade, pouco poderia ocupar-se de outra coisa que não fôsse êle mesmo. Como convidados da festa estão presentes Juana (Maria Concepcion Cesar) e seu marido Rómulo (Ricardo Castro Rios), a última conquista de Maria Madalena. Ela exige divórcio, apesar dêle, ainda que decidido a tudo, ser impedido pelo amor que nutre pela filhinha. Esta situação se precipita quando Juana às escondidas, avista Rómulo beijando Maria, dando motivo a separação do casal. A oportunidade serve para que Maria, em companhia de Rómulo, parta imediatamente para a fazenda de sua propriedade, no interior de Salvador. Ali chegando, Maria, que era esperada em companhia de seus irmãos, encontra o mais hostil ambiente contra a sua conduta de se ter feito amante de Rómulo, e a mais grave repulsa pelo seu triste ato é dada pelo padre Batista (Alejandro Maximino).

No limite da extensão da fazenda, quase escondido entre uma maravilhosa vegetação se encontra o abandonado Castelo herdado por Maria Madalena, onde ela e Rómulo pensam encontrar completa solidão para os seus devaneios românticos.

Uma realidade inesperada transforma, porém, a antiga beleza do secular castelo. Maria e Rómulo encontram ali um ambiente constrangedor de velhas camas, enfermos e todos os apetrechos de hospital. Ali, por autorização de Martha, irmã de Maria, se instalou David (Francisco Martinez Allende). Êle é um cientista por quem o povo da região adora por sua santa dedicação em aliviar os sofrimentos alheios, tendo se dedicado aos estudos da peste que assola a humilde população. Lázaro procura comunicar a Rómulo que sua espôsa Juana está doente, mas a carta é interceptada por Maria. Porém, dias depois, chega um telegrama que Rómulo recebe diretamente comunicando o falecimento de sua espôsa. Acabrunhado moral e espiritualmente, o amante de Maria regressa para a companhia de sua filha, compreendendo então que nunca a deveria ter abandonado. Maria Madalena, desorientada, da mesma forma que Rómulo, decide se dedicar à humana missão de David, a quem antes havia exigido, de forma imperiosa e desalmada, o abandono imediato do Castelo com todos os seus enfermos e medicamentos. Teve ciência de que êle havia injetado em si próprio o virus da doença para provar a eficácia de suas vacinas, as quais, entretanto, não ofereciam nenhuma segurança de êxito. Em dado momento, a peste recrudesce rápida espantosamente, e ao fazer-se o tratamento pelas vacinas de David, morrem três crianças, motivo pelo qual o jovem cientista é acusado de exercer ilegalmente a medicina. Ao ser levado diante da Justiça, ninguém vem em sua defesa: nem Lázaro, que por êle havia sido tratado e curado milagrosamente, nem o doutor Simon (Ricardo Galache), médico da família de Maria que foi testemunha presente da cura de Lázaro, nem tão pouco seu ajudante Cário (Homero Carpena), que animado por ódio e inconcebível inveja nega a evidente boa fé de David. Todo mundo, enfim, contra êle, abandona-o. Mas Juan (Luis Davilla), seu outro ajudante, e Maria Madalena testemunham a vida sublime e de bondade dêsse homem. Porém é inútil, porque uma mulher como Maria, que não possui moral suficiente para defendê-lo, não se faz acreditar perante a Justiça. Como último recurso de defesa, e para oferecer uma prova a mais, David torna

(*Continua na pág.* 34)





Maria deixou de parte o orgulho e passou a auxiliar os enfermos.

SONIKA BÔ, A CINEASTA MATERNAL É ENTREVISTADA PELA A CENA

«U... me infantil de...

FESTIVAL INFANTIL

...ue deve... apó... projeção... narr... la».

No país onde o SAM é personalidade, não de reajustamento, mas de desajustamento, onde o índice de mortalidade infantil aumenta dia a dia, onde a fome, a sêde, as doenças se associam para completar a paisagem mais terrível que se possa imaginar, surgiu, vinda de outras terras, a figura maternal de Sonika Bô. Embora quase desconhecida do público brasileiro é ela, por certo, uma das figuras mas importantes dêste Festival de vinte e cinco milhões de cruzeiros. Sua missão não se limita a exibir um filme ou assistir ao Carnaval. Traz a mensagem humana de fraternidade, de educar e divertir a criança, obra para qual dedicou tôda sua existência. Tocante foi a apresentação de seus filmes no Teatro Leopoldo Fróes. As crianças vibravam e aplaudiam as peripécias dos seus bonecos animados, simples e verdadeiros.

Sonika Bô sabe, acima de tudo, compreender a criança. Sua presença nos lembra a da Tia Benta dos livros de Monteiro Lobato; seus inúmeros filmes são obra de uma batalhadora incansável que não solicita aplausos vãos mas apoio ao seu público.

Sonika Bô não possui estúdios magníficos: um quarto com algumas comodidades cinematográficas é o lugar que escolheu para seu trabalho. Isto não impede que seus filmes sejam tècnicamente perfeitos, de ritmo correto, pontuado por música que ajuda à compreensão da história. Normalmente, emprega diálogos mas apenas como recurso a mais pois suas películas, são de desenvolvimento cinematográfico tão excelente que prescinde inteiramente dos mesmos. Isto é feito intencionalmente a fim de que, quando a película circule nos países diferentes da França, não se façam necessários os processos de tradução ou dublage. Aliás as duas películas apresentadas não foram traduzidas. Porém, o imenso público infantil que acorreu para assisti-los não deixou de compreender o conteúdo nem tampouco de achar graça nas peripécias de Zanzabelle, a girafa que foi visitar Paris, ou das brincadeiras dos passarinhos no seu aprendizado de ave.

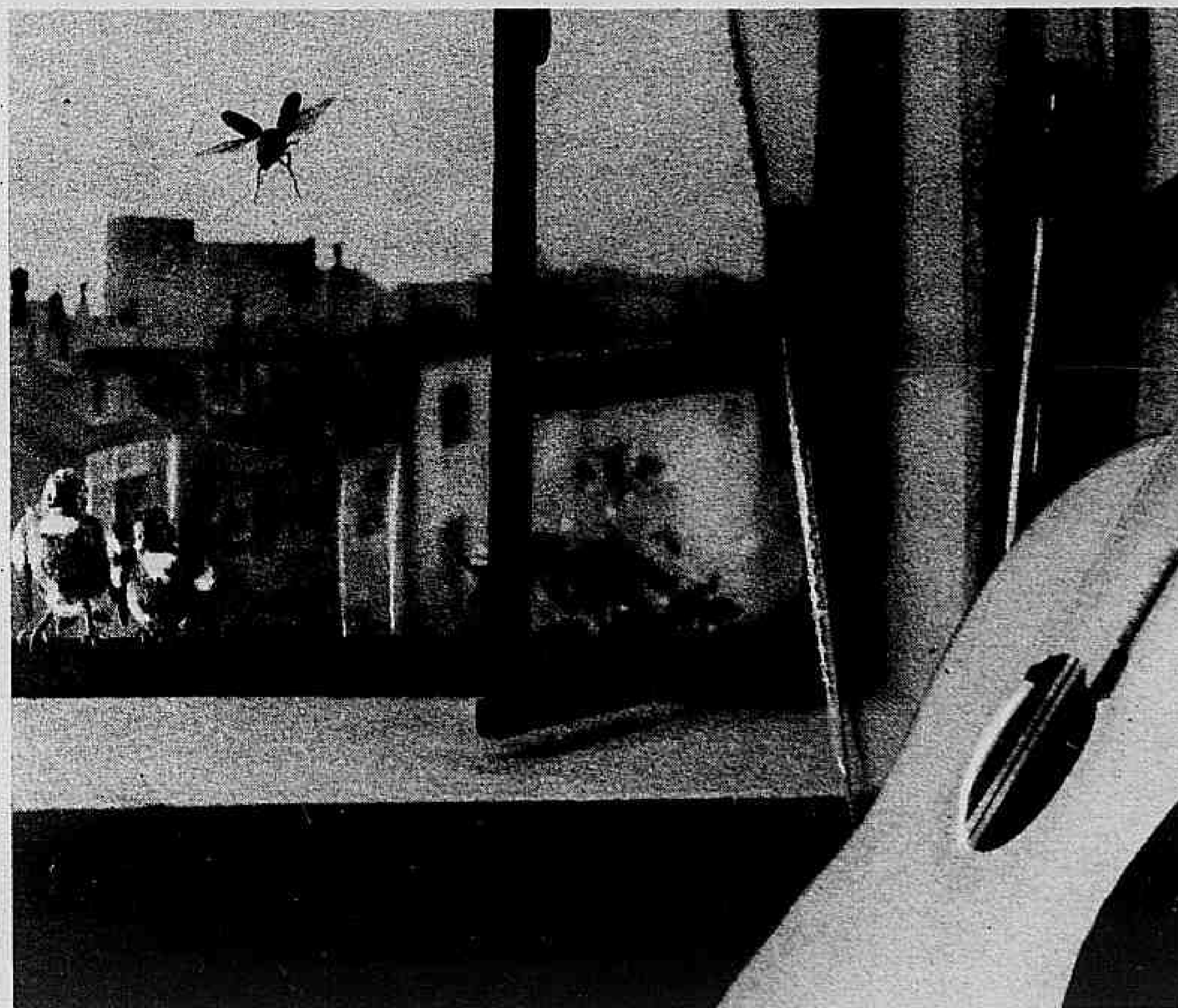
Na entrevista concedida à imprensa manifestou respeito pela obra de Walt Disney apesar de afirmar que seus desenhos não

"PARA FAZER UM FILME PARA CRIANÇAS É NECESSÁRIO AMÁ-LAS E TRANSMITIR-LHES ÊSSE AMOR"



eram infantis pois a criança não acompanhava a história. Ressaltou o caráter de violência que em geral acompanha o desenho animado norte-americano assim como o humorismo a base de "gags" que tornam as películas daquela procedência nem sempre recomendáveis para o público ao qual deveria ser destinado. Mostrou-se profunda admiradora da obra de Norman Mac Laren cujos filmes de alcance extraordinário, combinam em efeito maravilhoso formas, côres, movimento e música.

Frisou a importância da distribuição dos filmes de acôrdo com a idade recomendando para as crianças de 4 aos 6 anos o uso de imagens fixas que elas reconheçam. Dos 6 aos 8 anos, curta metragem sôbre viagens, desenhos animados em programas cuja duração máxima não deverá ultrapassar de uma hora de projeção. Finalmente, dos 8 aos 13 anos programas variados de uma hora e meia de duração. Respondendo à pergunta se havia uma fórmula para o cinema infantil declarou: "Um filme infantil deve ter uma lógica acessível e fácil de ser guardada pela criança que deverá, após a projeção, narrá-la. Deve, por outro lado, ser belo plàsticamente o fundo moral ou filosófico é prescindível. O importante é fazê-lo com amor e transmiti-lo na obra. Para fazer-se um filme para crianças é preciso amá-las e saber transmitir êsse amor."



Os filmes de Sonika Bô, trazem a mensagem humana da fraternidade.

80 Pré-estréias do Festival

avareza e a cólera"; "A preguiça", "A luxúria"; "A inveja"; "A gula" e "O orgulho". Os respectivos diretores são: Eduardo de Filippo, com Charles Spaak na cenarização; Jean Dreville, Yves Allegret, Roberto Rosselini, Carlo Rim e Claude Autant Lara.

No conjunto é um filme discutível. Nem todos os episódios são bons, como conteúdo, o que vem a influir também na forma. Porém, o desfêcho vem a valorizar a fita: é um fecho surpreendente, magnífico, que redime alguns "pecados" apresentados.

Não se vá esperar algo de construtivo ou útil nesta película: afinal não são sete pecados?

O primeiro inclui-se entre os bons, apresentando Isa Miranda, Paolo Stopa e o ator-diretor Eduardo de Filippo em eficientes atuações, principalmente Isa, que tem um grande momento. Segue-se "A preguiça", dirigido por Jean Dreville, um trecho inteligente, òtimamente aproveitado, apresentando-se como o melhor. Nêle a preguiça passa a ser uma virtude e, como resultado, temos que a Terra (a ação passa-se no céu) se vê invadida por uma onda de inércia. O comediante Noel Noel vivendo a figura de São Pedro e a atriz Jacqueline Plessis, na "A preguiça" que desce à terra estão muito bons. A luxúria, vem a seguir e nada vimos de útil e interessante cinematogràficamente. Vivem-no Viviane Romance, ótima e Frank Villard. "A gula" é uma simples anedota, de acentuada malícia, que impede sua aceitação incondicional. Interpretação de Henri Vidal e Claudine Depuis. Direção de Carlo Rim. "A inveja" às vêzes é desinteressante e o penúltimo "O orgulho", com Michele Morgan, Françoise Rosay volta a agradar. Em resumo, "Os sete pecados capitais" é uma película com dois ou três episódios bons e um final excelente. Ótimas interpretações de Gérard Phillipe, Isa Miranda, Noel Noel e Eduardo de Filippo, boa direção de Jean Dreville e De Filippo, conjunto bom, mas discutível em alguns de seus aspectos artísticos, cinematográficos e morais.

AUSTRIA NAS JORNADAS

2½ — "PRIMEIRO DE ABRIL ANO 2.000"

A Austria depois de uma vida política atribulada desde os anos que precederam a guerra não conseguiu uma definição política no quadro mundial das nações. Tivemos mesmo, não há muito tempo, um filme que abordava êste aspecto: "4 num Jeep". Viena, a cidade da valsa, é sempre tomada como um símbolo da alegria, da despreocupação. Hàbilmente camuflada sob o manto de sua música, sob esta alegria aparente existe uma mágua profunda: a do país derrotado por uma guerra. Enquanto outras nações, de maior fôrça política, maiores responsáveis pelas desgraças mundiais gozam de privilégios e, jogam com o poderío das nações vencedoras, a Áustria ali fica, manipulada pelo interêsse dos que a dominam, apoiando-se tão sòmente na sua debilidade.

É contra êste estado de coisas que se manifesta o filme "Primeiro de Abril no ano 2.000". Trata-se de sátira que ocorreria lá pelos distantes tempos do ano futuro, quando "4 soldados num jeep", seria ainda um símbolo de guerra fria e conveniências do jôgo político internacional. A Áustria, em um dêsses célebres congressos das nações, reinvidica a sua liberdade, apoiando-se nas bases históricas que fizeram sua tradição. Mistura então à opereta, sátira, história, música, o desfile de cavalos, os cantores famosos e que enriqueceram o país de canções, hoje do domínio mundial. Não é desprovido de aspectos bem curiosos êste filme. Algumas cenas mostram-nos objetos dos usos da casa real habsburguense tais como o cravo em que Mozart executou suas peças para a Imperatriz Maria Tereza; o seu magnífico aparelho de café todo em ouro. Quadros de Velazquez, Meytens, Battoni prestam-se a reconstituições históricas e a movimentações maravilhosas. Sentimos o filme não ser dotado de "tecnicolor" para realçar o valor de determinadas seqüências, de grande efeito.

A película entretanto, se bem intencionada e abordando um bom tema, não atingiu a maior qualidade. Dispersou-se um pouco em exibições, tomando características antes de musical que pròpriamente de sátira. Seqüências que nada têm a ver com o espírito da película, não contribuem para qualificação mais destacável.

Hilde Krahl desempenha o papel da Presidente da Comissão de Proteção ao Mundo, mulher fria e calculista, julga o papel da Austria no convênio das nações. Josef Meinrad, como primeiro ministro da Austria, defende o direito de seu país e de seu povo de desfrutarem as suas belezas com liberdade. Embora seja muito agradável o símbolo de não agressividade entre os povos, êle acha-se no direito de também desfrutar de liberdade. Destaca-se, também, a personalidade do Curd Juergens o pacífico capitão Heracles, que tem mêdo de tiros e de desordens, e que deseja apenas saber de café e pequenas.

O filme dado, o aspecto frizado torna-se dispersivo, com tôdas as suas curiosidades. Direção de Wolfgang Liebeneiner (que viveu,



Estados Unidos: «Aventureiros do Mississipi»



Áustria: «1º de abril no ano 2.000».



França: «Le Guerisseur».

como ator, a figura de Chopin, além da de Schubert, na célebre "Sinfonia Inacabada". Esplêndidas atuações de Paul Hoerbiger (Agostinho), Karl Ehman (Chefe de Gabinete do Ministro), nos papéis menores. Música de Alois Melichar, com destaque e fotografia apreciável.

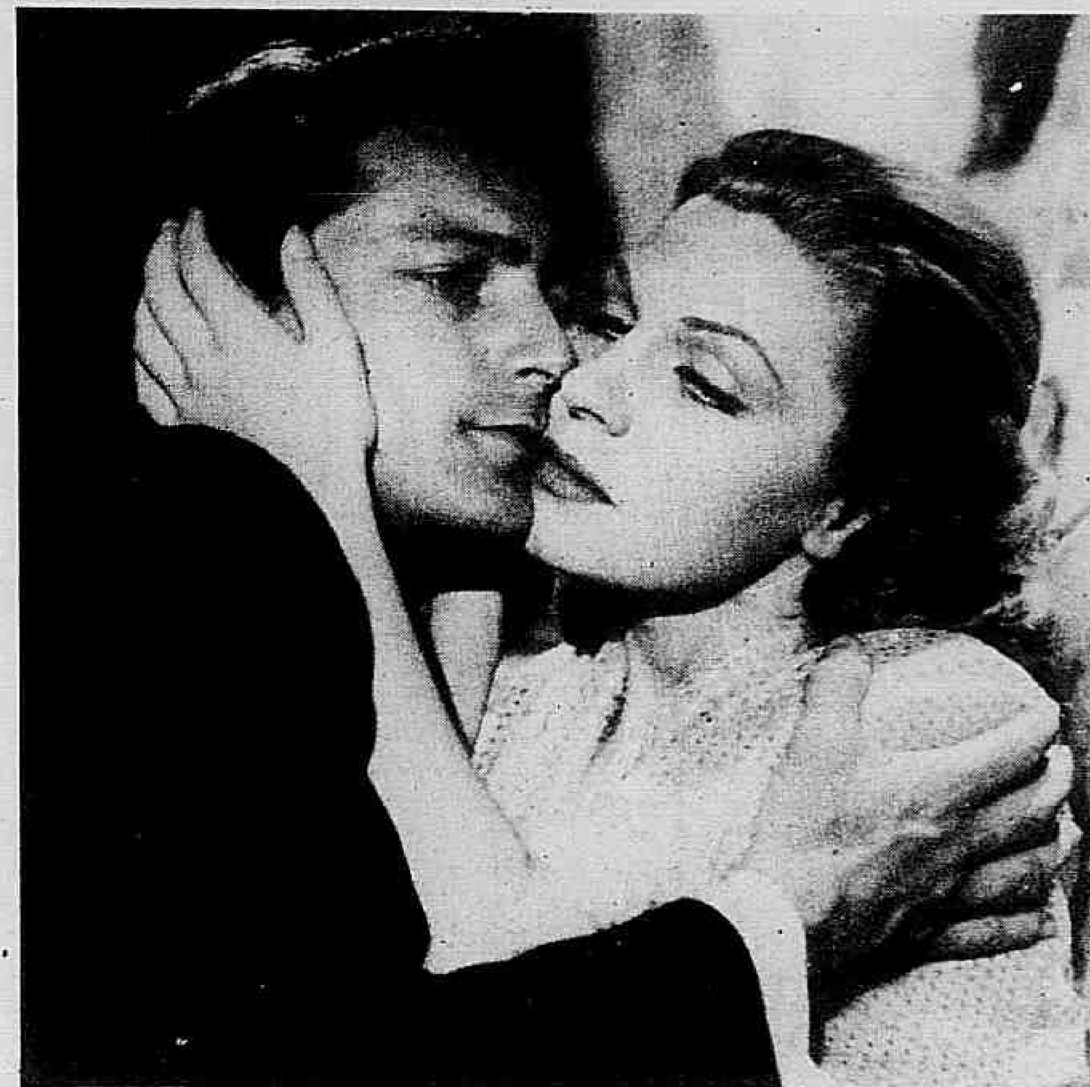
ESPANHA NAS JORNADAS

2½ – "RONDO ESPANHOL"

A censura prévia estabelecida sôbre os roteiros na Espanha, obriga, habitualmente, aos responsáveis realizarem filmes que, por mais diferente que sejam os seus caracteres, glorifiquem, de uma maneira ou de outra, a Nova Espanha de Franco, e seus coadjuvantes mais próximos: Provàvelmente, esta é uma das causas da vinda para o Brasil de um dos mais importantes realizadores daquele país e que durante uma entrevista a "A CENA", manifestou sua firme decisão de transferir-se com armas e bagagens para o Brasil, onde pretende estabelecer uma produtora.

"Rondó Espanhol" narra a história de um grupo de baile (como existem tantos naquele país) que organiza uma "tournée" pela América do Sul, apresentando as danças típicas das diversas regiões de Espanha. Em números que se sucedem alegremente desfilam, em cenários teatrais, dos palcos sul-americanos, os bailes de Valência, Sevilha, Andaluzia, Astúrias, etc. Em alguns momentos, mais raros, em que o diretor permitiu-se à elaboração cuidadosa das cenas, o filme consegue bom nível artístico. Na maioria das vêzes, entretanto, não passa do mediano. O filme está prejudicado por deficiente trabalho de laboratório, além de fotografia sem unidade. Falhas de continuidade e de transição não situam nem definem o instante da ação. Frágil é a história, contando o caso de um refugiado espanhol cuja irmã integra um grupo de dança espanhola. Uma das jovens bailarinas o faz voltar, por fôrça do amor, ao país natal.

Não poderia faltar hosanas, à justiça espanhola e outras cositas mais... O diretor Ladislau Vajda nascido na Hungria e radicado na Espanha depois de percorrer vários estúdios europeus, impressionado naturalmente pela música e pelas danças típicas espanholas procurou fixá-las em filme. O caráter semi documentário do mesmo viu-se prejudicado pela história, inconsistente. Vale pelo ritmo e graça das danças, exclusivamente, pois o trabalho fotográfico não ajuda.



Argentina: «Uma mulher chamada Margarida».

ESTADOS UNIDOS NAS JORNADAS

2 – "BANDO DE RENEGADOS"

Credenciado pela direção de Raoul Walsh, havia esperanças neste filme apresentado nas jornadas do Festival Intearnacional. Decepção após decepção foi o que êste importante diretor nos deu nesta película. É um "western" tecnicolorido que narra a história de um indivíduo que cometera um crime em legítima defesa. A polícia e seus representantes os "xerifes" não querem saber disso. Iniciam uma sistemática perseguição até que, após inclusive o assassinato de sua noiva, se vê prêso e condenado a longa permanência na cadeia. Volta, depois, para junto de seus, o filho (de outra noiva que sempre se consegue arranjar, especialmente no cinema americano) e vai tentar, desta feita, vencer a distância que o separava da sociedade. O argumento tem algumas características que, se bem aproveitadas, poderiam resultar em boa obra cinematográfica. A interpretação prototipada nada tem de excepcional. Rock Hudson, no papel do bandido Wes Hardin, não consegue ultrapassar a sua própria mediocridade. A fotografia igual a tantas outras, tecnicoloridas, não contribue para a valorização do filme eivado de lugares comuns e "cliches" de tantos filmes do gênero.

(Continua no próximo número)

Argentina: «O Conde de Monte Cristo».





«A Morte Tem o Seu Preço»: «western típico».

Orientação dêste número: no Rio — L. BOLTSHALSER e H. ANDERSEN ★ Em S. Paulo — JONALD e C. MAXIMIANO

Cotações de A CENA (de 1 a 5 pontos): 5 — excepcional; 4 e 4 ½ — ótimo e admirável; 3 e 3 ½ — bom e muito bom; 2 e 2 ½ — sofrível e regular; 1 e 1 ½ — fraco; ½ detestável; e 0 inqualificável.

LANÇAMENTOS NO RIO

PRÉ-ESTRÉIA DA PRIMEIRA SEMANA DE MARÇO

1 ½ — "ASSASSINATOS EM PROFUSÃO"

Damon Runyon tem as suas qualidades de escritor. A celebridade permite que se escreva até mesmo extravagâncias humorísticas, conforme a história do atual filme. Em meio do «non sense» dêste conto, é admissível que, pelo menos, o caso dos cadáveres resultasse o fio para um curioso filme divertimento. Entretanto, é notório que a adaptação prejudicou a trama que já não oferecia muito, a não ser a fantasia. Acrescentaram números musicais, incluídos sem cabimento, um colorido nada funcional e tudo veio a redundar em conjunto de nítido mau gôsto. As situações são repetidas e, com tôda a «maluquice» do assunto, raros são os momentos aproveitáveis. Roy Del Ruth dirigiu de qualquer maneira. Os intérpretes são bons e não se afundam, conforme a orientação: Broderick Crawford, Claire Trevor, Virginia Gibson, Bill Hayes, Charles Cantor, Sheldon Leonard e outros. Admite-se extravagâncias e, até mesmo, o incrível desta idéia, que gira em volta de quatro cadáveres que ora são presenteados aos «inimigos» ora servem para graça aluada. Porém, da maneira com que foi feito, êste passa da conta. Uma ou outra cena divertida, não diminui a fraqueza do conjunto. Título original: «Stop, You're Killing Me», Warners. (JONALD, em São Paulo).

LANÇAMENTOS DA SEMANA DE 22 A 28 DE FEVEREIRO

2 — "JORNADA CRUEL"

Barry Sullivan defende, ao lado do italiano Gassman, os principais papéis em «Jornada Cruel» e também constituem a única atração da película. Barry Sullivan é um grande ator que quase não tem tido oportunidades à altura de sua capacidade interpretativa. Vittorio Gassman é conhecido ator de cinema e uma das maiores figuras de teatro da Itália, intérprete por excelência de Shakespeare. Presentemente, nesta película, Sullivan faz um compreensivo policial e Gassman, o bandido. A trama é fraquíssima, inverossímel, falha e infiel à realidade. Gassman, depois de cometido o delito, é prêso, mas consegue escapar, numa das melhores seqüências do filme, de aspecto limitado, de situações, diálogos e resoluções batidas.

Há a perseguição no pântano, onde Gassman é caçado, daí o título original: «Cry of the hunted», onde todos os perigos rodeiam os personagens, mas onde se antevê um «happy-end» . . . os poucos habitantes encontrados, macomunados com o bandido e representando elementos fora da lei, falam francês . . .

«Cry of the hunted», da Metro, estreou nos três cinemas Metro.

CARTAZES

1 — "A CORTESÃ"

É uma antiquíssima película italiana, bem diversa do neo-realismo que hoje impera no cinema peninsular. Com todos os matizes de dramalhão e mau-gôsto desenvolve-se a história de uma mulher, que obrigada pelas circunstâncias decai até chegar à prostituição.

Em modesta exposição cinematográfica, a película não apresenta nenhum interêsse, a não ser para os apreciadores dos dramalhões do atual cinema mexicano, pois esta produção italiana em muito se assemelha às piores realizações do México, com a sua longa lista de histórias de perdidas . . .

Amleto Palermi dirige sem entusiasmo essa descolorida narrativa. Paola Barbara é a que muito sofre . . . Vittorio de Sica, Fosco Giachetti e Gino Cervi, então «brotinhos», parecem entrar em contato com as suas primeiras experiências no cinema. Gino Cervi tem bons momentos na sua curta aparição, o mesmo acontecendo com Fosco Giachetti, já no final da película.

«A Cortesã», película italiana, distribuída pela Art-Films, estreou no Rivoli.

2 — "A MORTE TEM SEU PREÇO"

Outro «wertern» sem novidade, mas que, dentro de uma forma correta e narrado em bom ritmo, consegue agradar. Mais uma vez o rancheiro em luta contra um poderoso latifundiário, com um romance marginal entre o destemido pistoleiro e a altiva filha do fazendeiro. Traições, cavalgadas, brigas no «saloon», tiroteio (para a receita completa só ficaram faltando os índios). Apesar do repetido da fórmula, a direção de Nathan Juran mantém o interêsse do espectador. E existem seqüências excelentes, do transporte do gado pelos prados e montanhas, com os pistoleiros do latifundiário nos calcanhares.

O «guarda-costas» regenerado é Audie Murphy, que faz fôrça para compor o homem mau, passando o tempo todo a trincar os dentes. Paul Kelly, um bom ator, é o velho rancheiro. E Susan Cabot, a heroína, uma «cara-nova» bastante feia e totalmente inexpressiva. Os papéis secundários, todos bem defendidos. Bela a fotografia de Charles Boyle.

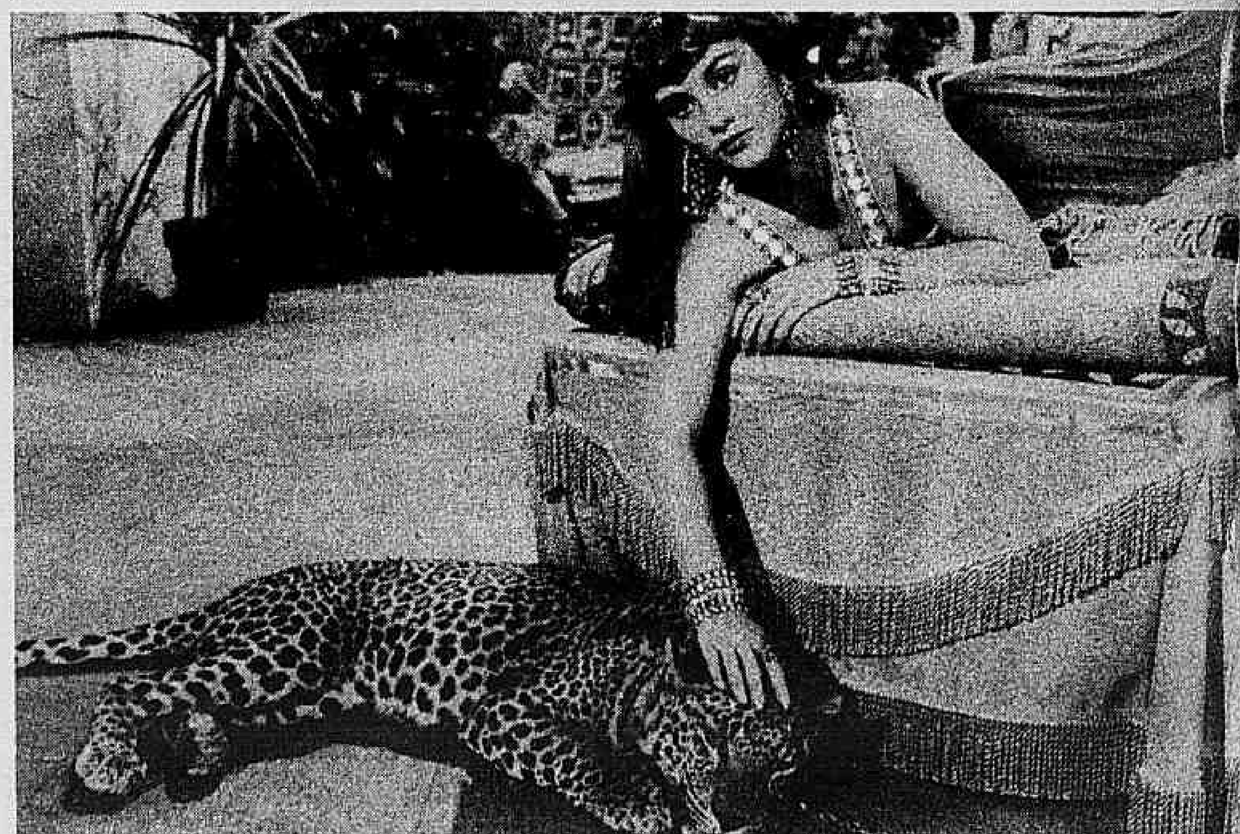
Título original: «Gunsmoke», produção Universal International, estreado na linha do Vitória.

1 — "DOMINADOS PELO VÍCIO"

Com Rosita Quintana, Tito Junco e Domingos Soler, é semelhante a todos os outros dramas do cinema mexicano que abordam o mesmo tema.

Há prostituição, muita baixeza, sordidez, e também sofrimento, tornando-se assim uma película também lacrimejante . . .

«Escravos da Babilônia» — em exibição mas criticado desde a semana anterior, em pré-estréia.



EM REVISTA

Para arremate final os personagens fazem uso de tóxicos . . . e a direção cabe a Ramon Peon. Infelizmente a fotografia é do grande Figueroa, que também contribuiu em outras películas, grandes películas, para que o cinema mexicano pudesse ser aplaudido e conhecido em todo o mundo.

«Dominados pelo Vício», distribuição da Columbia Pictures, estreou no cinema Pathé.

0 — "FÔLHAS DA ILUSÃO"

Quem entra no cinema sabendo mais ou menos a história do filme, já deve ir preparado para assistir a uma imbecilidade. E não se decepciona; «Fôlhas da ilusão» excede neste particular. É péssimo, sob todos os pontos de vista: idéia original, transposição para a tela, direção, interpretação. Há portanto homogeneidade; e é só. Nem um sorriso amarelo o espectador consegue esboçar, com êsse «conto do vigário» do dinheiro crescendo em árvores. O pobre casal, em dificuldades financeiras (a situação estava tão crítica, que nem uns trocados para um cineminha tinham), vive numa casa confortabilíssima, e possuem um belo automóvel. Não é apenas o dinheiro, tudo no filme soa falso. Pode-se notar ainda uma pronunciada tendência a desprestigiar a mulher e o estudo. Aliás, essa é uma tendência bastante generalizada no cinema atual: a mulher ou é prostituta, ou uma perfeita cretina (como é no caso de «Fôlhas da ilusão»); e o estudioso, o sábio, é apresentado como uma caricatura, um tipo de palhaço.

A interpretação, como já dissemos, é horrível; das crianças aos pais, incluindo os atores secundários. Irene Dunne tem todos os atributos de uma completa «canastrona», e Dean Jagger deixa-se envolver pela mediocridade da atmosfera. Joan Evans e as crianças, insuportáveis. Até os comparsas conduzem-se desastradamente, excetuando-se Les Tremayne, um coadjuvante correto.

Título original: «It grows on trees», produção Universal International, estreada na linha do Palácio.

PERMANÊNCIA EM CARTAZ NO RIO

«SOMOS TODOS ASSASSINOS» — Película francesa dirigida por André Cayatte, com Mouloudji e Raymond Pellegrin. (3ª semano no Império e no Alaska).

«A CIDADE SE DEFENDE» — Filme italiano de Pietro Germi, com Paulo Muller e Gina Lollobrigida. (2ª semana no Art Palácio).

«Fôlhas de Ilusão»: fantasia e Irene Dunne.





«Assassinatos em Profusão»: «aluado» e fraco.

REAPRESENTAÇÕES

«É FOGO NA ROUPA» — Filme nacional, direção de Watson Macedo, com Adelaide Chiozzo e Heloísa Helena, programado na linha do Plaza.

«O 13º HOMEM» — Película italiana de Mario Soldati, com Walter Chiari e Pampanini, reexibido no Rivoli. (Já analisado em «A CENA»).

LANÇAMENTOS EM SÃO PAULO

SEMANA INICIADA EM 15 DE JANEIRO

«A MEIA NOITE DO AMOR» (Let's do it again) — Columbia, em «technicolor», com Jane Wyman e Ray Milland. Direção de Alexander Hall. (No Ipiranga).

«A SOMBRA DO DISFARCE» (The lone hand) — Universal, com Joel Mac Crea e Barbara Hale. Direção de George Sherman. Em «technicolor». (No Ritz).

«O PREÇO DA ESPERANÇA» (Te sigo esperando) — Pelmex, com Libertad Lamarque e Arturo de Cordova. Direção de Tito Davison.

JÁ EXIBIDOS NO RIO

2 1/2 — «POR TUA CAUSA» (Because of you) — Universal, com Loretta Young e Jeff Chandler. Direção de Joseph Pevney. (No Marabá).

4 — «A GUERRA DOS MUNDOS» (the war of two worlds) — Paramount, em «technicolor», com Gene Barry e Ann Robinson. (No Art Palácio e Broadway).

2 — «A BALA PERDIDA» (Shoot first) — United, com Joel Mac Crea e Evelyn Keyes. Direção de Robert Parrish. (No Oásis).

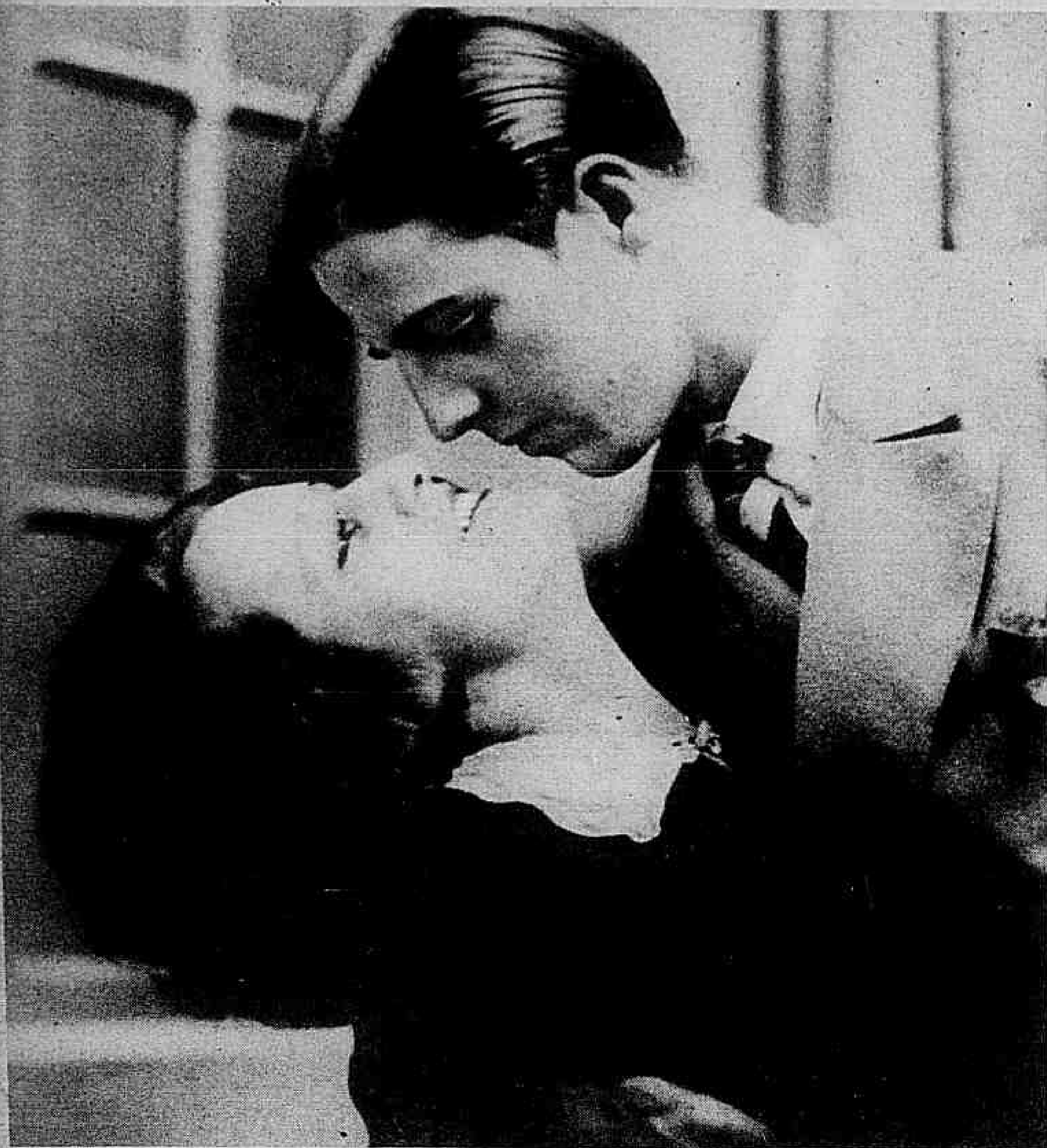
1 1/2 — «DÊSSE É QUE EU GOSTO» (I love Melvyn) — Metro, com Donald O'Connor e Debbie Reynolds. Direção de Don Weiss. (No Metro).

EM REPRISE

«MOWGLI, O MENINO LÔBO» — Reapresentação, pela quarta vez da película inglêsa, dirigida por Zoltan Korda, com Sabu. Versão da conhecida obra de Rudyard Kipling, em «technicolor». (Cartaz do Jussara).

PERMANÊNCIA EM CARTAZ

«OS FILHOS DE NINGUÉM» (em 5ª semana)
«VIOLETAS IMPERIAIS» (em 3ª semana)
«NEM SANSÃO NEM DALILA» (em 2ª semana)



«Braza dormida», outra apreciável evocação.



«Limite», de Mário Peixoto, uma das atrações da Retrospectiva Brasileira.

O Festival evoca o Cinema Brasileiro

No dia 3 de fevereiro, realizou-se a exibição dos primeiros filmes, com "São Paulo, Sinfonia da Metrópole", "Monumento do Ipiranga" "Homenagem a Rui Barbosa", "Metrópole de Anchieta", foram os filmes de abertura da Mostra Retrospectiva. A primeira citada foi realizada por Adalberto Kemeni e Rodolfo Rex Lusting, focalizando aspectos da capital paulista por volta de 1928. "Metrópole de Anchieta" é produção moderna, de 52, realizada pelo crítico e cineasta Benedito J. Duarte, e é dos melhores que se realizaram na atual época do nosso cinema.

Dias 5 e 6. "Caçador de Diamantes". Direção de Vitório Capellaro. Realizado em 1933-34. Capellaro era natural de Piemonte, que trabalha em cinema e teatro. Realizou entre nós "O Guarani", e "O Mulato", além de "Inocência" (juntamente com Antônio Campos), "Iracema", "O garimpeiro", e uma segunda versão de "O Guarani". Seu último filme, de Carnaval, foi "Fazendo fita", Apresenta o filme qualidades de iluminação, décores e indumentária.



Um dos intérpretes centrais de «Caçador de diamantes».

Dias 9 e 10 "Fragmentos da Vida e Exemplo Regenerador". O primeiro é de 1929, direção, argumento de José Medina. Após os primeiros vinte minutos de projeção, o espectador poderá reconhecer uma história, recentemente focalizada pelo cinema de Hollywood: o episódio de Charles Laughton, de "Páginas da vida", de fato, "Fragmentos da vida" é uma adaptação da mesma história. Interessante se torna a comparação entre ambas. Deixando-se de lado as condições e a diferença de época, o filme brasileiro é excelente. O tratamento dessa primeira versão é diverso do filme americano. Enquanto o filme norte-americano é jocoso e engraçado, o filme nacional é muito mais sério, sem final feliz. De qualquer forma tivemos um espetáculo que surpreendeu pelas qualidades mostradas.

"Exemplo Regenerador" têm cêrca de dez minutos de duração, contando uma pequena e interessante historieta, com bons trechos cinematográficos.

Dia 12 "O Segrêdo do Corcunda". Película de 1924. Tem seu valor histórico por mostrar um tipo de interpretação não visto atualmente.

Dia 13. Foram projetadas duas fitas: "Sangue mineiro" e "Braza dormida".

Nos dias 14 e 15 foram repetidos os programas de abertura da Mostra (dia 14) e "O Caçador de Diamantes" (dia 15).

Dia 16. "Ganga Bruta", de Humberto Mauro.

(Continua na pág. 34)

O Festival focaliza o Cinema Antigo

OS EXCELENTES RESULTADOS DA INICIATIVA DE SALES G. GOUVÊA FILHO E ALMEIDA SALES

"Retrospectiva do Cinema Internacional" no Museu de Arte Moderna"

A inauguração foi no dia 12 de fevereiro, quando projetado, pela manhã, um programa composto de filmes de Max Linder, o famoso comediante dos princípios do cinema, e Meliés, o pioneiro e inovador do cinema. De Linder foram exibidos: "Primeira Saida de um Colégio", "Max Engana-se de Andar" (1910), "Max Quer Crescer", (1912), "Max pratica todos os esportes" (1913) "Max Virtuoso", "Max Ilusionista" (1914) e "Max Pedicuro Por Amor" (1914). De Meliés foram exibidos: "O Mágico", "O Homem da Cabeça de Borracha", que apresenta interessantes truques, "O Reino Das Fadas", "O Maravilhoso Leque Vivo" e "Os Quatrocentos Golpes do Diabo". Um ilustrativo retôrno ao passado, digno de inaugurar um acontecimento de grande significação.

Dia 13 — O programa dêsse dia apresentou "Cabiria", película de 1912, que foi o primeiro filme que teve cenários especialmente construidos. Além disto, constituiu, também, um enriquecimento na linguagem de cinema, com o emprêgo da movimentação de câmara, o "travelling", isto é a câmara movendo-se lateralmente, para frente e para trás, aproximando-se ou recuando. Colaborou na obra, Gabriel D'Annunzio e, pela sua feitura, responsabiliza-se Piero Fosco, pseudônimo de Pastrone.

Dia 14 — "O Nascimento de Uma Nação". Considerada uma obra-prima, traz o nome de David W. Griffith. Outra realização de vulto, feita em 1915, evocando um capítulo da história norte-americana: a guerra da Secessão, com a participação de negros e brancos na luta, apresentando o Presidente Lincoln, e a figura de Lynch, líder dos negros. Embora de tendências racistas, Griffith conseguiu apresentar obra espetacular, de conteúdo histórico e social. Lilian Gish, Mae Clark (excelente) e Wallace Reid são os mais famosos "astros" do cinema da época que participam nessa grande obra.

Dia 15 — "A Carroça Fantasma". Produção sueca de Victor Sjostrom, diretor de teatro e cinema, e que também estêve nos Estados Unidos por algum tempo. Como argumento, "A carroça fantasma" é apenas interessante na sua parte simbólica e irreal, apresentando um conteúdo talvez só aceitável em sua época.

Dia 16 — "Programa Charles Chaplin". Projetou-se: "Dia de Prazer" (Days of pleasure), A classe dos preguiçosos (Iddle Class) e o famoso "O garôto" (The Kid). Disse Chaplin sôbre seu filme: "Quis fazer um filme sério que, com alguns episódios cômicos ou burlescos. esconda sua ironia. a sua piedade, a sua sátira". As platéias aplaudiram, e consagraram seu filme, uma revivescência da infância de Chaplin.

Dia 17 — "Nosferatu, o Vampiro" e "Sombras". Obras da escola expressionista alemã. O primeiro, de F. W. Murnau, e o segundo de Arthur Robinson, ambos elucidativos de suas escolas, merecem o maior respeito histórico. (*Continua no próximo número*)


Max Linder, um famoso comediante do passado inaugurou a "Retrospectiva" no Museu de Arte Moderna


"O Garôto", com Jackie Coogan, foi o primeiro filme em longa-metragem dirigido e interpretado por Chaplin


"O Nascimento de uma Nação", obra espetacular de conteúdo histórico e social, dirigido por David Griffith

COMO APRENDER A DANÇAR



5ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início, sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Rua da Liberdade número 120 —— São Paulo.

Pedidos pelo reembôlso postal: Cr$ 50,00 — Caixa Postal 649 — S. Paulo.

À venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

O INDISPENSÁVEL PARA UM ATOR

(Continuação da pág. 17)

nou chamar de "sex-appeal", é indispensável talento. Tenho conhecido, entretanto, atores de grande talento que não têm triunfado. Ao contrário, outros medíocres, que conseguem os favores do público e a consagração. Depende, outrossim, da "chance": inúmeros jovens em quem eu acreditava sinceramente esbanjaram esta graça. É preciso saber aproveitar e desfrutar o momento. Tudo, finalmente, se resume em encontrar naquilo que se faz o prazer da criação, única maneira de ser pago de todos os sacrifícios porque o público dispõe de nós, atores, e êle tem, freqüentemente, a fisionomia do destino".

Um trovão reboou sôbre São Paulo anunciando a chuva violenta que se seguiria. Michel Simon, misto de anjo e diabo advertiu aos céus:

— "Não vale a pena reclamar. Não retiro nada do que disse. Com os trovões, estou recordando o diabo que interpretei em "La Beauté du Diable"...

MARIA MADALENA...

(Continuação da pág. 25)

a injetar em si a vacina milagrosa, mas o seu organismo debilitado ao máximo não resiste à prova. A morte de David é a voz suprema que faz ver á Maria tôda sua vida de horror, privada de moral e afeto. O doutor Simon, em poder das análises da vacina preparada por David, e renunciando aos seus cargos honoríficos, se dedica a continuar sua obra e seus estudos, e Maria Madalena em busca de um consôlo para sua alma atormentada, em companhia do Padre Batista consagra agora sua vida aos deserdados da sorte.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº.......

NOME........................

RUA.................... Nº.....

CIDADE........................

ESTADO........................

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

ACUSO!...

(Continuação da pág. 20)

O produtor norte-americano é essencialmente um homem de negócios. Só uma expressão vulgar e muito usada define o que penso sôbre a preocupação de comercialização no cinema ianque, isto é, o interêsse financeiro dos americanos pelo cinema". (A expressão achamos de boa ética não transcrevê-la).

Assim falou aquêle que "vocês gostarão de odiar", em sua máscara sucetível de transmitir os mais baixos sentimentos que ocorrem ao homem. Enfim, estão fixadas nas suas palavras e imagem o realizador intransigente para consigo e para com sua própria arte.

"AMARALINA"

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)



Já se encontra a venda em tôdas as farmácias, drogarias e perfumarias. Se, entretanto, não existe na cidade, não perca tempo, pedindo imediatamente pelo Reembôlso Postal — O preço de "AMARALINA" é, em qualquer parte do Brasil, de Cr$ 35,00 e pelo Reembôlso Postal custa Cr$ 45,00, livre de porte.

"AMARALINA", certeza absoluta de que os cabelos tornarão a nascer. Na paralisação da queda de cabelos é francamente extraordinário êste produto descoberto por brasileiro e fabricado com erva nacional. Centenas de pessoas atestam suas nunca igualadas qualidades.

Pedidos a M. M. BURLE & CIA. LTDA.
AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616
OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERAO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

Aprenda a Embalsamar!

CURSO PRÁTICO POR CORRESPONDÊNCIA

O INSTITUTO FLORESTA lhe ensinará, em curso rápido, eficiente e intensivo como dissecar aves, animais, reptis, crustáceos bem como curtir pele para taxidermia, preparar tapetes com péle, montagem de chifre, preparação de borboletas, etc.

Curso único e interessante no Brasil
MENSALIDADE: CR$ 100,00

Para obter mais informações remeta o cupon ao lado.

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - SÃO PAULO - BRASIL
Nome........................
Endorêço........................
Cidade........................

INSTITUTO FLORESTA
Caixa Postal, 6410 - S. PAULO - BRASIL

O FESTIVAL EVOCA O CINEMA...

(Continuação da pág. 32)

Não importam: técnica antiquada, ausência de sincronização, e certa confusão determinada pela escassês de legendas. O que vale é o valor de cinema. Quantas soluções, sugestões, imaginação, na linguagem cinematográfica! "Ganga Bruta" é digno de figurar nas filmotecas e antologias. O que ela nos apresenta em matéria de cinema encheriam estas páginas.

(Continua no próximo número)

A MAIOR COBERTURA EFETUADA NO PAÍS EM TÔRNO DO FESTIVAL INTERNACIONAL DE S. PAULO. AGUARDEM, NO PRÓXIMO NÚMERO, A SEGUNDA E GRANDIOSA EDIÇÃO ESPECIAL



MARA CORDAY

Um armista...

... é aquêle que distingue, entre os artísticos brazões de uma coleção heráldica, o de mais sugestiva significação e bom gôsto. E é êsse dom de discernir o melhor que leva os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

H.88.247

UM PRODUTO SOUZA CRUZ